



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAFAELA PEREIRA DE SOUSA

**A DISCIPLINA DE LIBRAS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE
PEDAGOGOS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES**

Brasília – DF 2018

RAFAELA PEREIRA DE SOUSA

A DISCIPLINA DE LIBRAS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE
PEDAGOGOS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Catarina de Almeida Santos.

Brasília – DF 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Prof.^a Dr.^a. Catarina de Almeida Santos
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Edeilce Aparecida Santos Buzar
Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Andréia Mello Lacé
Examinadora

Dedico este trabalho ao meu esposo e à minha família pelo lúdimo e total apoio.

AGRADECIMENTOS

Ao meu maravilhoso amigo Jesus

Somente pela força que vem D'Ele, pude me apegar nas horas mais difíceis e incertas. Deus, Tú és maravilhoso em minha vida, e para ti dedico minhas conquistas, pois és o autor e coautor de toda a minha vida e planos.

À minha sabia mãe Tina

Obrigada por ter sido minha primeira e única referência de professora diligente e gentil. Obrigada por sempre ter sido tão forte e sabia. Obrigada pelas incansáveis madrugadas de orações e suplicas ao Pai, em intercessão por minha vida. Te amo e felicito mais essa conquista por seu doce e sábio apoio.

Ao meu querido paião Evaldo

Obrigada por ter sido aquele quem me ensinou a sempre lutar e não ter medo. Obrigada pelas incontáveis caronas, e pelos muitos presentes de incentivo acadêmico ao longo dessa jornada. Hoje fecho mais uma etapa de minha vida e dedico ela a seus constantes atos de auxílio e heroísmo.

Ao meu lindo e gentleman esposo Messias

Meu revisor de textos, meu parceiro de trabalhos acadêmicos, meu orientador de artigos e projetos. Afinal muitos são os seus talentos, mais o maior deles foi sua generosidade e cumplicidade em encerrar esse desafio junto comigo. Obrigada mesmo. Dedico esse trabalho a nós. Te amo. Vai equipe!

Aos meus irmãos Raquel, Andreia, Jessica, Diego e minha linda e à minha pequena sobrinha Sophie

Vocês foram meu ponto de fuga nas horas que queria chorar. Vocês foram amáveis e gentis comigo. Vocês me apoiaram e me deram forças. Vocês me fizeram sorrir e acreditaram em mim. Vocês são lindos e minha razão de lutar.

Ao professor Esp. Davi Pereira da Silva Junior

Se eu não tivesse conhecido o trabalho dele como professor surdo da Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras, não teria despertado ainda mais a curiosidade para esse trabalho, pois ele realizou um trabalho incrível dividindo seu conhecimento conosco.

À minha orientadora e professora Dr^a. Catarina de Almeida Santos

Obrigada pela maneira inteligente e cautelosa que me mostrou como finalizar com qualidade esse trabalho. Obrigada por cada tempo investido nessa construção acadêmica junto comigo, obrigada por ter respondido a cada mensagem minha em momento de dúvida e por ter acreditado em mim e nessa temática.

Às amigas Ruth Santana e Jeovana Martins

O apoio de vocês, as conversas, as dicas, as mensagens de incentivo me foram de grande apoio e força no final dessa trajetória. Vocês foram amigas incríveis.

Parceiras de trabalhos em grupo, e acredito que daqui guardaremos boas recordações. Obrigada por tudo.

Agradeço a todos os professores e amigos de curso que direta ou indiretamente somaram nessa construção acadêmica.

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.” Nelson Mandela

RESUMO

A proposta central deste Trabalho de Conclusão de Curso é apresentar como a disciplina de libras contribui para a formação de pedagogos. Para viabilizar esse entendimento, foi realizada análise com a intenção de verificar se a disciplina de libras da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e o seu processo de desenvolvimento alcançam aquilo que se propõem. De acordo com o plano de curso da matéria, o intuito da Disciplina é levar os estudantes a perceberem a Libras como produto sociocultural de importante desenvolvimento para as comunidades surdas. Neste contexto, foi realizado levantamento bibliográfico, destacando conceitos teóricos sobre a construção histórica da Língua Brasileira de Sinais e as bases legais sobre a obrigatoriedade da disciplina de libras nos cursos de licenciatura. Também foram aplicados questionário e entrevista aos estudantes de Pedagogia. Por último, foi apresentada análise sobre como a Disciplina é compreendida pelos alunos da Pedagogia. Como resultados obtidos destacam-se, a inclusão social dos alunos com surdez e a necessidade de uma formação de base capaz de preparar o pedagogo para o ensino do estudante com deficiência.

Palavras-chave: 1. UnB; 2. Pedagogia; 3. Libras; 4. Disciplina de Libras.

ABSTRACT

The central propose present paper conclusion of the course aims to comprehend how to the discipline BSL (Brazilian Sign Language) contributes for the formation of pedagogues. To enable this understanding, an analysis was performed with the general objective of check if the BSL course of the Faculty of Education of the University of Brasilia and your process of development reach what they are propose. According to the course plan of the subject, the purpose is taking to students to the understanding of BSL as an important product to the community deaf. In this context was performed a Bibliographical survey with theoretical concepts about the historic construction of Brazilian sign language and the legal bases about the obligation of the discipline of BSL in the licentiate's courses. Questionnaires and interviews with pedagogy students were also applied. For the last was presented the analysis about as a discipline is understood for the by students of the Course of Pedagogy. With the results obtained the following are highlighted the social inclusion of deaf students and the need for a basic education capable of preparing the pedagogue for the teaching of students with disabilities.

Keywords: 1. UnB; 2. Pedagogy; 3. Libras; 4. Discipline and Libras.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASL	American Sign Language
ELS	Escrita de Língua de Sinais
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
IES	Instituições de Ensino Superior
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LSF	Langue de Signes Française
MEC	Ministério da Educação
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
SRMF	Sala de Recursos Multifuncional
UNB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE I	13
MEMORIAL EDUCATIVO	13
PARTE II	16
INTRODUÇÃO	16
CAPITULO I – A LÍNGUA DE SINAIS E AS PESSOAS SURDAS: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	19
1.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE SURGIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	21
1.2. A LIBRAS “FALADA” NO BRASIL REPRESENTA UMA UNIDADE?	24
1.3. IDENTIDADE, CULTURA E COMUNIDADES SURDAS	26
CAPITULO II - A IMPLEMENTAÇÃO DA DISCIPLINA DE LIBRAS NO CONTEXTO DOS CURSOS DE LICENCIATURA – BASES LEGAIS	31
2.1. LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	33
2.2. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA PESSOAS COM SURDEZ.....	34
2.2.1. DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO (LEI 13.146/2015 – TÍTULO I – CAPÍTULO I)	37
2.2.2. O ACESSO À INFORMAÇÃO E A COMUNICAÇÃO (LEI 13.146/2015 – TÍTULO III– CAPÍTULO II)	37
CAPITULO III - A DISCIPLINA DE LIBRAS E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NA UNB	39
3.1. LIBRAS COMO DISCIPLINA OBRIGATÓRIA NOS CURSOS DE LICENCIATURA E SAÚDE	41
3.2. LIBRAS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.....	45
3.3. LIBRAS COMO PRODUTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIOCULTURAL DAS COMUNIDADES SURDAS	47
3.4. LIBRAS: IDENTIDADES SURDAS.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
APÊNDICES	62
ANEXOS	69

APRESENTAÇÃO

O trabalho está organizado em três partes e três dimensões. Na primeira parte, a vida escolar e a trajetória acadêmica desta autora são apresentadas, explicitando os motivos que a levaram a escolher o curso de Pedagogia.

A segunda parte é constituída pela introdução – onde é feita abordagem geral sobre o tema, problema da pesquisa, objetivos e metodologia do trabalho – e três capítulos teóricos.

E a terceira parte destina-se as perspectivas futuras da autora como consequência de todo aprendizado ao longo da trajetória acadêmica.

O Capítulo I trata da língua de sinais e as pessoas surdas: uma construção histórica. Neste item, foram abordados fatos da construção da língua de sinais, a luta dos surdos pela sua língua e personalidades importantes para a formação histórica da língua de sinais.

O Capítulo II discorre sobre a implementação da disciplina de libras no contexto dos cursos de licenciatura, destacando suas bases legais – leis e decretos – mais relevantes para a implementação da disciplina de libras nos cursos de licenciatura e de saúde.

O Capítulo III apresenta, por meio da análise dos resultados obtidos na aplicação de questionário e entrevista, a relação entre a disciplina de libras e a formação do pedagogo na UnB. Neste capítulo estão presentes dados gráficos e respostas das entrevistas e do questionário aplicado aos estudantes da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Por fim, são foram incluídas as considerações finais sobre a pesquisa e perspectivas profissionais.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

No ano de 1987, na cidade de Ceilândia-DF, nasce a primogênita de cinco filhos da família Pereira de Sousa. Filha de pai trabalhador informal, que era o sexto filho de oito irmãos vindos da cidade de Teresinha-PI, para tentar a vida na Capital Federal. Filha de mãe doméstica, que veio da cidade de Macapá-PA aos 14 anos com promessa de estudar e ter uma vida melhor nas escolas de Brasília-DF. A matriarca trabalhou em casa de família, como babá, até formar sua família.

Minha infância foi muito boa e bastante comum para uma criança de família simples. Tenho quatro irmãos. Sempre aprendi a dividir, respeitar e amar ao próximo a partir da boa referência de educação dada pelos meus pais e pela convivência entre meus irmãos.

Minha única e melhor memória de professora alfabetizadora que marcou a fase na pré-escola foi minha mãe. Maria Altina Pereira de Sousa, uma mulher altamente talentosa e inteligente, que sonhava em ser professora ou aeromoça. Contudo, foi privada de seus estudos em detrimento da chegada dos filhos e da família.

Na escola, sempre fui a aluna dedicada, respeitosa e esforçada em tudo que fazia. Era boa em palavras, escrita e leitura. Já a matemática, desde bem pequenina, era o meu tormento. Que assim o diga minha mãe, que era minha tutora em tempo integral, me fazendo entender, criando técnicas, jogos e até a tomada da tabuada, mas não funcionou. Eram choros constantes de angústia por não conseguir entender matemática. Ainda assim, obrigada mãezinha pelo esforço.

O tempo passou e com ele comecei a virar a menina sonhadora, que pensava na profissão aos sete anos de idade. Queria ser juíza e entrar de toga no Tribunal. Fiz a pré-escola, ensino fundamental e o ensino médio, e o sonho de ser juíza só aumentava. Estava certa de que era essa a minha decisão. Mas a vida me ensinaria que viria muito mais coisas por trás desse sonho.

Conclui o ensino médio em 2004, no Centro de Ensino Médio 11 da Ceilândia. Tinha 17 anos. Imaginei que a partir de então começaria meu sonho. Contudo, a realidade da maioria dos adolescentes e jovens do nosso país, vindos de famílias pobres, é apenas a conclusão do ensino médio, e na sequência, o ingresso no mercado de trabalho. Ou pior, não fazer nada depois de formado.

Completei 18 anos e nada ainda havia acontecido. Nem mesmo trabalhando ou estagiando eu estava. Isso soava estranho para mim, pois meus colegas de sala começaram a trabalhar após o ensino médio. Contudo, meu pai acredita que eu deveria apenas estudar. Então, ele fazia de tudo, mesmo em meio as dificuldades, para que eu apenas estudasse, pois acreditava fielmente que os estudos eram o pilar da diferença.

No ano de 2006, comecei minha jornada no ensino superior, com meu pai fazendo juntamente comigo a matrícula mais desejada da história da minha vida. Meu ingresso no curso de Direito da Universidade Paulista de Brasília – UNIP. Lembro-me bem do primeiro dia de aula e o professor já bem experiente, diplomata, dizendo:

Bom dia doutores e doutoras. A partir de hoje, considerem nossa sala de aula um tribunal. Nossos cumprimentos entre colegas e professores, devem ser apenas, doutor ou doutora. Nunca esqueçam a “bíblia de vocês é o *Vade Mecum*¹.

Me apaixonei logo de cara. Fiquei encantada com tamanho domínio de oratória aquele professor possuía.

Os dias e os meses passavam e meu pai se esforçava de sol a sol para tentar manter minha faculdade. Ele também sonhava isso comigo. Ficava feliz por minha felicidade. Mais como a vida nos reserva supressas, tive que trancar meu curso quando estava prestes a iniciar o segundo semestre.

Meus pais de fato não conseguiram manter um curso tão caro, com mais despesas de livros e passagens. Depois disso, foram cinco faculdades particulares iniciadas e trancadas, com fechamentos sucessivos de matrícula.

Nesse meio tempo de trancamentos e inícios de semestres por quatro anos, acabei tendo que abrir mão do Direito e foi quando a Pedagogia entrou na minha vida. Fiz alguns semestres, comecei a dar aula em escolas menores no bairro onde morava, fiz vários estágios para ajudar nas minhas despesas pessoais e de casa. Mais nada de fechar nenhum desses cursos.

¹ *Vade Mecum* é uma expressão do latim que significa "vai comigo". Ela foi dada assim, porque se trata de um livro ou manual de uso prático, que os leitores podem consultar para esclarecer dúvidas sobre diferentes tipos de legislações, ementas. No campo das ciências jurídicas, o *Vade Mecum* é essencial para consultar as obras básicas, como a Constituição Federal, Código das Leis Trabalhistas, entre outras leis.

Em 2011, iniciei pela sexta vez uma nova matricula. Mas agora, em um curso totalmente novo. Já havia me decepcionado e me frustrado o bastante para não querer nenhum dos dois cursos anteriores. Nem Direito ou Pedagogia. Então, pela graça de Deus e muito esforço, conclui meu primeiro curso superior em setembro de 2013, me tornando Bacharel de Gestão Pública, pelo Centro Universitário IESB.

O ano de 2013 foi, sem sombra de dúvidas, o melhor ano de minha vida. Duas grandes realizações. Meu casamento no mês de maio e minha colação de grau em setembro.

Mas a vida profissional ainda estava incerta. Senti que precisa direcioná-la novamente. Fiquei mais de um ano desempregada, trabalhando apenas no lar e estudando para concursos.

Percebi que precisava voltar ao mercado de trabalho e me recolocar ou fazer algo novo para minha vida. Foi quando meu marido me apresentou a ideia de fazer inscrição para o processo seletivo para Portador de Diploma de Segunda Graduação da Universidade de Brasília, contudo, a insegurança de uma nova tentativa e de medo veio comigo.

A insegurança de não conseguir. Eu participei de diferentes vestibulares pela UNB desde que tinha 17 anos e nunca havia passado. Mas ainda sim fiz a inscrição.

Estudei muito e passei na prova. E adivinhe qual foi o curso escolhido? Licenciatura em Pedagogia. Sim. Mas por que novamente a Pedagogia? Hoje, consigo enxergar que minha vida deu diferentes voltas e que de fato eu precisava ser a Pedagogia. Eu precisava construir e desconstruir uma série de ideias certas e erradas que tinha sobre a vida.

Comecei minha jornada aqui na Universidade de Brasília em 2015. Após quatro anos, encerro esse ciclo neste semestre. Hoje, digo que melhor que o ano de 2013 em minha vida, está sendo o ano de 2018. Em 2018, encerro uma jornada de boas amizades, choros, noites sem dormir, alegrias pelas conquistas e aprendizados, alegria por ter conhecido professores maravilhosos, que foram de total importância para meu aprendizado.

Em 2018, experimento a oportunidade de estudar na universidade que era meu sonho de menina, desde que tinha 17 anos, e fecho essa tão amarga e ao mesmo tempo doce conquista, de experimentar o privilégio de ser educador.

PARTE II

INTRODUÇÃO

O estudo sobre as contribuições da disciplina de libras na formação de pedagogos possui relação com os dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelou a existência de 45,6 milhões de pessoas no Brasil com algum tipo de deficiência. O mesmo estudo apontou que dentre estes, há cerca de 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva. A inserção dessas pessoas no processo de escolarização e no mercado de trabalho é um grande desafio, que envolve a dedicação profissional dos professores em atuação e dos futuros pedagogos.

Não é possível falar em inclusão da pessoa com deficiência, sem citar o Estatuto da Pessoa com Deficiência, sancionado em 2015 pela Presidenta de República Dilma Rousseff. O artigo 8º da Lei 13.146 de 2015 garante que:

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico. (BRASIL, 2015)

A norma assegura uma série de direitos à pessoa com deficiência. Dentre essas garantias, destacam-se a educação, a profissionalização e o trabalho, conquistas relevantes para esse público.

Skliar (2013), trazendo contribuições a esse diálogo, menciona que, “a língua de sinais ao alcance de todos os surdos deve ser o princípio de uma política linguística, a partir da qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo.” (Skliar, 2013, p. 27)

Considerando a importância do debate dessa temática para as instituições de educação superior e para a formação dos atuais e futuros pedagogos, a presente pesquisa vai verificar as contribuições da disciplina de libras para a formação dos alunos do curso de Pedagogia, bem como agregar elementos às discussões atuais sobre a formação do professor para inclusão dos alunos surdos.

Dessa maneira, a problemática que conduziu todo o processo de construção desta pesquisa questiona: em que medida a disciplina de libras e o seu processo de desenvolvimento alcança aquilo que ela se propõe?

A proposta é compreender como a disciplina de libras contribui para a formação de pedagogos. A partir desta ideia, foi escolhido o objetivo geral que norteou essa pesquisa: analisar se a disciplina de libras e o seu processo de desenvolvimento alcança aquilo que ela se propõe. Problema e objetivo se justificam, tendo em vista que a disciplina de libras da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília se destina a levar aos estudantes compreensão da Libras como produto sociocultural de importante desenvolvimento para as comunidades surdas.

Como desdobramento do objetivo geral, os objetivos específicos são:

- Apresentar a construção histórica da Língua Brasileira de Sinais;
- Relacionar as bases legais sobre a obrigatoriedade da disciplina de libras nos cursos de licenciatura;
- Analisar como a Disciplina é compreendida pelos alunos da Pedagogia.

Para que a finalidade desta pesquisa fosse alcançada, a opção escolhida foi a de caráter exploratório, definida por Gil (2009, p. 14) como a modalidade de pesquisa: “adequada para ampliar o conhecimento do pesquisador acerca de fenômenos ainda pouco conhecidos”.

A forma de abordagem consistirá em gênero qualitativo, pois se apresentou mais próximo da proposta e interesse da pesquisa, visto que ela possibilita a ampliação do olhar do pesquisador, seu foco na apresentação da temática, bem como a possibilidade de extrair uma relação entre o objeto/sujeito pesquisado.

Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhadas holisticamente: não são reduzidas a variáveis, mas observados como um todo (GODOY, 1995a, p. 62).

O instrumento de coleta de dados se deu por intermédio de entrevistas semiestruturadas e questionário com discentes da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

A entrevista é “a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação” (GIL, 2012, p. 109).

Na pesquisa, foi utilizada entrevista semiestruturada, que abrange questões que destacam e que evidenciam a entrevista, mas que ao mesmo tempo são abertas, dando maior flexibilidade ao entrevistador e possibilitando também que sejam exploradas outras questões, caso detectadas pelo condutor da entrevista no transcorrer da conversa.

Como outro ponto de proposta da pesquisa, para um alcance mais expressivo, foi realizada a análise quanti-qualitativa, onde a escolha dessa metodologia ficava mais próxima da interpretação dos dados coletados, via questionário online do Google Formulários.

Gil afirma que, os métodos qualitativos ajudam a analisar os fenômenos em seu estado real, proporcionam uma compreensão maior dos fatos a partir do ponto de vista dos próprios autores e auxiliam no entendimento da globalidade e dos processos de mudança (GIL, 2009).

CAPITULO I – A LÍNGUA DE SINAIS E AS PESSOAS SURDAS: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Quando buscamos dados sobre a história da língua de sinais, vemos que poucos são os documentos registrados por surdos ou sobre surdos que falam da origem e do desenvolvimento da língua de sinais. Contudo, o que sabemos é que desde a antiguidade existem surdos.

Os Gregos, por exemplo, viam os surdos como animais. Para eles o pensamento era oriundo da fala. Com isso, impossibilitados de ouvir, em razão das suas especificidades, os surdos ficavam sem ensinamentos, ou seja, ficavam sem aprender e com isso não adquiriam o conhecimento. (SILVA, 2017)

Silva (2017) também relata que, para o filósofo Aristóteles, em 355 A.C., aqueles que eram surdos, por não terem linguagem, eram impossibilitados de pensar. Os surdos não tinham direitos na sociedade, pois eram considerados sem valor, sendo dessa forma condenados à morte ou excluídos como as pessoas, que na época, eram tidos como doentes.

Mesmo com a ausência de poucos relatos sobre a língua de sinais, ainda assim podemos prever quão antiga é essa língua. Possivelmente, o relato mais antigo que se tenha sobre língua de sinais venha de Sócrates que relatou em um de seus pensamentos:

Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejássemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo? (BARROS; HORA, 2009, p. 21 *apud* SACKS, 1998, p.29).

Um dos primeiros registros que se tem sobre a língua de sinais é o de uma pequena ilha comunitária localizada nos arredores de Massachusetts, que se chama Martha's Vineyard, onde havia muitos surdos devido à forte ocorrência hereditária. Esta mesma ilha existe até os dias atuais e é conhecida como a única comunidade bilíngue na qual tanto os ouvintes quanto os surdos usam sinais na mesma proporção que a língua inglesa. (GESSER, 2009)

A segunda evidência sobre a história de tentativas de se ter uma língua de sinais vem da França e foi encontrada em um livro escrito em 1779 por um surdo chamado Pierre Deslogues, que escreveu para defender sua própria língua contra os que achavam que a língua de sinais deveria ser banida.

Segundo o relato de Silva (2017), foi por volta de meados do século XVI que surgem as primeiras explicações a respeito da diferença entre surdez – que é a perda do sentido da audição – e o mutismo – transtorno psicológico caracterizado pela recusa de falar em algumas situações, porém, em outras ocasiões, o mesmo consegue falar. Neste mesmo século, Girolamo Cardano, médico italiano interessado em estudar o caso de seu filho surdo, defendeu que os surdos poderiam receber instrução e ser ensinados a ler e a escrever sem a fala, no entanto, os responsáveis por essa educação naquela época era a Igreja Católica.

Foi da Igreja Católica que veio o primeiro professor de surdos, Pedro Ponce de León, um monge beneditino espanhol. O objetivo de Leon em educar os surdos não era simplesmente a educação por si só, mas junto com ela estavam os interesses econômicos. Os alunos de Ponce de León eram todos oriundos da nobreza e a principal motivação da dessa classe era saber se seus filhos surdos de fato conseguiriam se comunicar. Levados a esse grande receio de conseguir ou não se expressar, isso os preocupava, pois na época poderia implicar na perda de seus bens. Com isso, pessoas que não conseguissem falar oralmente não tinham nenhum direito assegurado pela sociedade. Logo, todos os surdos filhos da nobreza eram encaminhados para Ponce de León para aprenderem a falar. Ponce de León desenvolveu um alfabeto manual para ajudar os surdos a soletrar as palavras, ensinando-os a ler e a escrever. (SILVA, 2017).

A educação dos surdos era realizada individualmente, e como já vimos, apenas os surdos oriundos de famílias ricas tinham acesso a esse ensino, sendo seu objetivo final a fala oral. Com essas questões em voga, L'Épée ganhou destaque e viria a mudar a história da educação de surdos com repercussões até os dias atuais. (CARVALHO, 2012).

Carvalho (2012), em seus estudos, discorre que L'Épée é tido como uma das figuras mais importantes da história da educação dos surdos. Nascido em uma família rica, na cidade de Versalhes, na França, seu aniversário foi considerado a festa mais importante comemorada pela comunidade surda francesa. Ele foi considerado como pioneiro na educação institucional através do uso da Língua Gestual (CARVALHO, 2012).

1.1. Contexto histórico de surgimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Após a transição histórica da língua de sinais no mundo e suas nuances, surge a necessidade de constituir uma língua de sinais adequada à realidade dos surdos brasileiros.

Nesse momento, acontece, portanto, uma reativação e expansão dos movimentos sociais de diversos setores da sociedade, entre eles: trabalhadores, moradores de bairros populares, mulheres, negros e homossexuais, com os quais passaram a organizar e produzir novas formas de ação coletiva para reivindicar seus direitos. (NASCIMENTO; CRESPO *apud* BRITO; NEVES; XAVIER, 2013, p. 71).

A língua de sinais tem ganhado cada vez mais espaço no âmbito educacional. Contudo ainda há muitos estigmas e preconceitos oriundos da discriminação que sofreram os surdos e sua linguagem no período oralista.²

Segundo Monteiro (2006), até recentemente, a Língua Brasileira de Sinais era vista como “tabu”, pois havia muito preconceito e com isso não se atribuía o devido status de língua. Essa afirmação foi igualmente mencionada pelo autor Sacks (1998, p.33), onde ele diz que os ouvintes sempre negaram a efetividade da língua de sinais. O autor explica ainda que algumas pessoas “por mais bem-intencionadas que possam ser, consideram a língua de sinais como algo rudimentar, primitivo, pantomímico, confrangedor”.

Para Saussure (1991), a língua é um aspecto social da linguagem, pois ela pode ser compartilhada pelos falantes de uma comunidade linguística e ainda pode ser aprendida, interpretada como um conjunto de regras complexas, abstratas e compostas por elementos significativos que se relacionem entre si.

Nessa perspectiva, a língua pode ser entendida como uma propriedade coletiva e não individual. Ela, enquanto linguagem, só faz jus à sua existência se compartilhada. Com isso, a importância de se reconhecer uma comunidade linguística de surdos para que da mesma maneira se reconheça também a língua utilizada por ela. (ALMEIDA, 2012)

² O período oralista surge por volta do século XVIII, com as resoluções do Congresso de Milão (1880). Nessa época, a língua de sinais passou a ser oficialmente “proibida” nas escolas e nas comunidades surdas, e com isso foi também excluída da política e instituições de ensino. Dentro dessa proposta do oralismo, pretendia-se que os surdos fossem “reabilitados”, ou “normalizados”, pois, a surdez era considerada uma patologia, uma anormalidade. Junto com o oralismo surge a proposta ainda de que eles deveriam comportar-se como se ouvissem, ou seja, deveriam aprender a falar e não mais usar os sinais.

Martelotta (2008, p.16) apresenta que “o termo ‘língua’ é frequentemente definido como um sistema de signos vocais, utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.” Essa abordagem que o autor apresenta, demonstra que nos estudos linguísticos a modalidade visual espacial ainda passa despercebida quando se faz uma conceituação geral da língua.

Para Almeida (2012), a língua de sinais não é excluída propositadamente, pois quando se utiliza a expressão “sistema de signos vocais” essa concepção comprova que o reconhecimento desta modalidade/variedade de língua não é familiar aos linguistas e ao mesmo tempo o quanto ainda são recentes os estudos linguísticos relacionados a ela na maioria dos países.

Percebe-se ainda que “predominam conceitos anteriores ao estudo científico das línguas de sinais, os quais consideram os sinais utilizados pelos surdos como insuficientes para a formação intelectual e inferiores à linguagem oral.” (ALMEIDA, 2012, p.27)

Para Guarinello (2007), muitas pesquisas e pesquisadores do Brasil têm apresentado a Língua Brasileira de Sinais em seus níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, e que a língua oficial do país tem pouco ou nenhum efeito sobre a língua de sinais, podendo existir variações dialaterais em um mesmo país.

Com isso, cada comunidade surda possui a sua língua de sinais. Nos Estados Unidos existem a *American Sign Language* (ASL), na França, a *Langue de Signes Française* (LSF), no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e assim cada país adota a sua língua. (GUARINELLO, 2007)

A Língua Brasileira de Sinais é o nome que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) decidiu adotar para se referir à língua de sinais dos surdos brasileiros. Essa decisão foi estabelecida em uma assembleia em outubro de 1993, tendo sido adotada pela *World Federation of the Deaf*, pelo Ministério da Educação, por pesquisadores, educadores e especialistas. (GARINELLO, 2007)

A Língua Brasileira de Sinais, na visão de Guarinello (2007), funciona como uma língua viso-espacial que se articula por intermédio das mãos, das expressões faciais e do corpo. Na Libras, seguem-se as mesmas regras das outras línguas de sinais. São produzidos sinais que serão reproduzidos usando o espaço da frente do

corpo, que pode se estender do topo da cabeça até a cintura, contendo uma distância entre a mão direita e a esquerda estendidas lateralmente.

Quando falamos dos mecanismos de reconhecimento da língua de sinais no Brasil, notamos que tudo é muito recente, se comparado a todo o contexto histórico de surdos em nosso país.

A Língua Brasileira de Sinais foi aprovada como meio legal de comunicação e expressão, que contém significados das comunidades surdas espalhadas pelo Brasil pelo amparo da Lei 10.436³, de 24 de abril de 2002, sendo que a norma foi regulamentada somente três anos depois pelo Decreto 5.626⁴, de 22 de dezembro de 2005.

No entendimento de Guarinello (2007), a Língua Brasileira de Sinais é aceita como uma língua natural utilizada pelas comunidades surdas brasileiras. A terminologia “natural” para ele é adequada, pois tal como as línguas são processadas pelo canal auditivo-oral, as línguas de sinais nasceram espontaneamente pela interação entre pessoa e porque, “permitem a expressão de qualquer conceito [...] e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa expressiva do ser humano”. (FERREIRA BRITO et al., 1998, p.19)

A estruturação linguística da Língua Brasileira de Sinais é explicada da seguinte maneira por Guarinello (2007, p.51):

A Língua Brasileira de Sinais possui uma gramática constituída com base em elementos constitutivos dos sinais ou itens lexicais que se estruturam de acordo com mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos específicos. Esses mecanismos são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, o que possibilita a produção de muitas frases seguindo um número finito de regras.

Outro recurso utilizado na comunicação entre surdos é o alfabeto manual, necessário quando não há um sinal próprio na Língua Brasileira de Sinais. Nestes casos, é realizada a soletração do português no espaço. “Esse movimento envolve uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”, define Guarinello (2007, p. 52). Essa soletração

³ Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. A referida norma reconhece a Língua Brasileira de Sinais e outros recursos de expressão a ela associados como meio legal de comunicação e expressão.

⁴ Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

manual é linear e possui uma sequência, podendo ser utilizada para escrever no “ar” palavras cedidas das línguas auditivo-orais.

1.2. A Libras “falada” no Brasil representa uma unidade?

Em todas as línguas faladas, existe variedade e diversidade. O sociolinguista Marcos Bagno (1999) apresenta uma discussão e desconstrução de alguns mitos sobre a língua portuguesa em seu livro *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*, escrito em 1999. A obra aborda o mito da unidade linguística do Brasil, considerado pelo autor a maior e mais séria discussão, pois se faz presente na fala não somente da população, mas também de muitos intelectuais. (GESSER, 2009)

Para Bagno (1999), a escola, por exemplo, tem cada vez mais disseminado esse mito, tornando-o naturalizado. Com isso, deixa de ser crença e começa a funcionar como um princípio normalizador, impondo aquilo que nada mais é do que: “sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.” (BAGNO, p.15)

A língua portuguesa é “uma unidade que se constitui de muitas variedades” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 29 *apud* Bagno, 1999, p.19). Com isso, para Gesser (2009), afirmar que todos os brasileiros falam o mesmo português é um boato, uma mentira, e que, na mesma proporção, é uma inverdade afirmar que todos os surdos usam a mesma Libras. Pregar essa unidade é negar a variedade das línguas, quando na verdade, nenhuma língua de fato é uniforme e homogênea. Ter essa variação e homogeneidade, com níveis fonológicos (pronúncia), morfológico (palavras) e sintático (sentenças), todas elas estão diretamente ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, educação, raça e situação geográfica.

Os surdos adolescentes e adultos variam os seus sinais, da mesma maneira que os surdos cearenses, paranaenses, cariocas e candangos, etc.⁵

⁵ Dentre essas variedades linguísticas, entretanto, sempre haverá uma relação (não necessariamente neutra, que tenha semelhança ou até mesmo seja conflituosa) ou que torne uma variedade mais distinta que a outra. Contudo, esse valor é atribuído socialmente, de acordo com a situação geográfica, *status* social, idade ou até mesmo gênero, etc. Mas é possivelmente a variedade ensinada na escola, associada à escrita, que tem conjuntura de língua padrão (ou norma culta).

Quem por acaso já não ouviu alguém dizer “esses sinais são antigos”, “não se faz assim como eles estão fazendo”. Ou ainda, “naquele lugar, ou naquela cidade, naquele congresso que fui, se fala diferente”. Essas diferenças devem ser afastadas de serem consideradas erro.

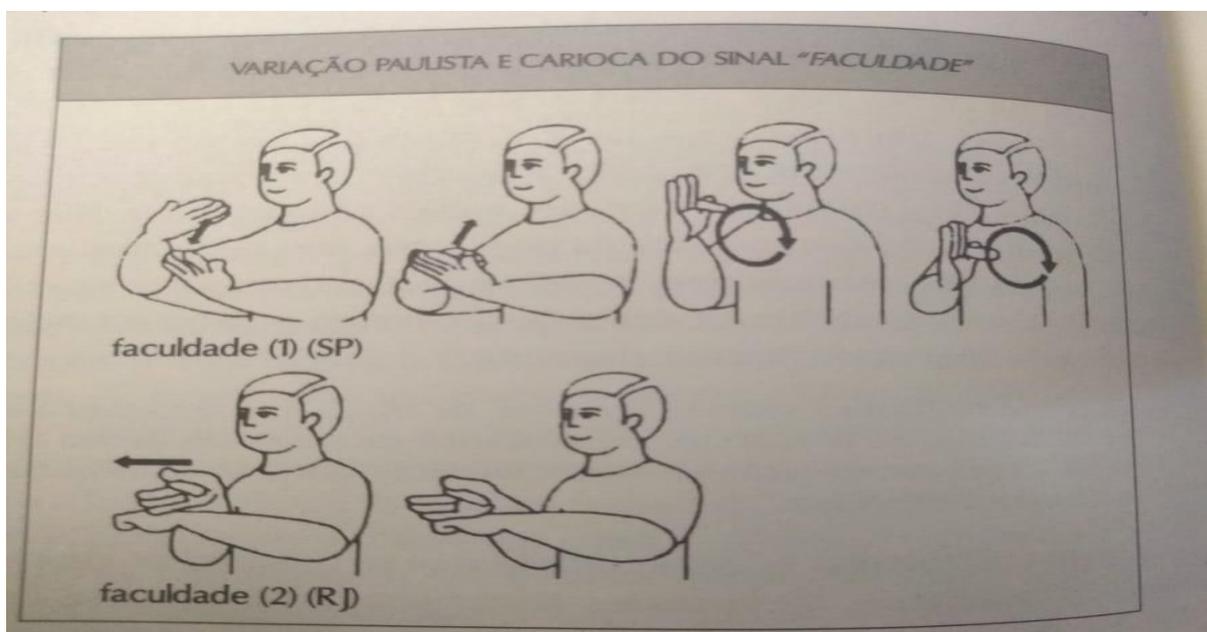


Figura 1 Desenho retirado e adaptado de Capovilla & Raphel (2004: 16)

Com a ilustração demonstrada acima, pode-se compreender melhor como se dá as variações de sinais nos diferentes estados. Como foi o exemplo da palavra *faculdade*, usada na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo. Podemos dizer ainda que a depender da comunidade de fala, pode haver outras variações de sinais. Esse conhecimento é importante, porque em determinados episódios, alguns canalizadores da língua de sinais resistem em aceitar a pluralidade e a diversidade da língua e acabam soltando dizeres como: “esse sinal é errado” ou “esse sinal não existe”, quando de fato se trata de variantes da língua. (Gesser, 2009, p. 176).

De acordo com Gesser (2009), a Língua Brasileira de Sinais, literalmente, passa de “mão em mão” e, com essa diversidade, vão juntos “sotaques”, incorporando novos sinais, roupagens, cultura local. O fenômeno dessa pluralidade e variação está presente em todas as línguas vivas, em movimento.

Quando analisado mais precisamente as práticas sociais do uso de linguagem entre surdo/surdo e surdo/ouvinte, é possível visualizar o multilinguismo que para Gesser (2009) seriam as variedades desprestigiadas em sinais, em português e em fusão com as diferentes modalidades.

Todas essas evidências da heterogeneidade nos sinais dos surdos-cegos, dos surdos indígenas, dos ouvintes, dos familiares dos surdos e dos familiares dos ouvintes, dos surdos de diferentes estados, independentemente se não do Norte ou do Sul, haverá variações linguísticas da Libras⁶.

1.3. Identidade, Cultura e Comunidades surdas

Segundo Gesser (2009), os surdos possuem sim uma identidade e cultura próprias. Com isso, esse assunto é tão disseminado por surdos e ouvintes nos diferentes ambientes sociais que se discutem e articulam questões próprias da área da surdez. Apesar disso, o autor acrescenta à afirmação um plural e afirma que todos nós, quer sejamos ouvintes ou surdos, somos permeados por múltiplas identidades e culturas (Gesser, 2009, p. 136-144). De maneira distinta, a afirmação destaca a ideia do purismo identitário e cultural. E é essa ideia que a pesquisadora surda Karin Strobel, de maneira assertiva, procura desconstruir quando fala de várias culturas surdas:

Ao analisarmos sua história, vemos que a cultura surda foi marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, seja das representações sociais que narram o povo surdo como seres deficientes. Muitos autores escrevem lindos livros sobre oralismo, bilinguismo, comunicação total, ou sobre os sujeitos surdos..., Mas eles realmente conhecem – nos? Sabem o que é a cultura surda? Sentiram na própria pele como é ser surdo? Esta é uma reflexão importante a ser feita atualmente, porque as metodologias citadas não foram criadas pelo povo surdo e sim por ouvintes. Não digo que seja errado, o que quero dizer é que essas metodologias não seguem a cultura surda... O que o povo surdo almeja é a pedagogia surda. Para a comunidade ouvinte que está em maior sintonia com o povo surdo – os parentes, amigos, intérpretes, professores de surdos -, reconhecer a existência da cultura surda não é fácil, porque no seu pensamento habitual acolhem o conceito unitário da cultura e, ao aceitarem a cultura surda, eles têm de mudar as suas visões usuais para reconhecerem a existência de várias culturas, de compreenderem os diferentes espaços culturais obtidos pelos povos diferentes. Mas não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de

⁶ A Língua Brasileira de Sinais pode ser reconhecida como uma língua do tipo gestual-visual. Ela é uma língua natural das pessoas surdas, ou seja, pessoas que “ouvem” pelo canal visual. Pode também ser facilmente aprendida por um ouvinte, desde que, este respeite sua história, contexto, diversidade, conjuntura lexical e morfológica, bem como a cultura das comunidades surdas. É de uso corrente apenas no Brasil pois, como as línguas de sinais não são universais, cada país possui sua própria língua.

suas formas de viver e de relacionar. (Entrevista concedida em 2 de março de 2008 ao blog Vendo Vozes) [ênfase da autora]

Desta forma, segundo Gesser (2009), a afirmação “*o surdo tem uma identidade e uma cultura própria*” surge com uma outra roupagem, que ao olhar da autora, é bastante significativa no processo de afirmação coletiva de grupos minoritários, que não somente se traduz no singular “*uma*”, mas pode estar escrita no adjetivo “*própria*”. “Cultura própria”, propõe a ideia de um grupo que precisa se diferenciar/identificar da maioria ouvinte para sinalizar sua visibilidade e a única maneira de se adquirir essa coesão, é criando uma “pseudo” uniformidade coletiva, que em certa medida funciona como “sobrevivência cultural”⁷ entre esse grupo de excluídos e desprovidos dessa forma de poder e voz.

É muito comum e natural ouvir argumentos, especulações de oposição às culturas ouvintes plantando o discurso da homogeneidade cultural surda. Esse é, sem hesitação, um pensamento de posicionamento essencialista que visa a afirmação, a valorização e o reconhecimento cultural, já que “é a coesão, a uniformidade que dá ao grupo visibilidade, ou seja, serve para que o grupo se autoconstitua como tal, graças a essa aceitação dessa visão por parte de quem os excluiu.” (Gesser, 2009, p.138)

Para Quadros (2004), os surdos possuem particularidades culturais que marcam seu jeito de ver, sentir e se relacionar com o mundo, e a cultura do povo surdo.

Surdos - São as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas. (Quadros, 2004, p. 10).

Contudo, é importante que não se crie o mito de que, o surdo não compartilha de outras culturas, como por exemplo, das culturas ouvintes. Isso se faz importante dizer, pois como aponta (Gesser, 2009, p. 54 *apud* Certeau 1995, p. 233), a cultura é, apreciemos ou não, “o flexível”. Ela pode ser positiva, dinâmica, aberta e plural e está

⁷ Para o sociólogo francês Michel de Certeau (1994,1996), as minorias, os oprimidos e excluídos não são armazéns ou “consumidores” passivos nessa convivência, pois se utilizam de métodos, isto é, fazem reemprego de condições, normas de forma a sobreviverem culturalmente.

em constante transformação, visto que, ela é construída contextualmente em tempos e lugares particulares.

Utilizando de metáforas, o historiador-sociólogo alega que a cultura pode ser inventada ou criada da mesma forma que uma “planificação urbanística: capaz de criar uma composição de lugares, de espaços ocupados e espaços vazios, que permitem ou impedem a circulação”, contudo, ao se achegarem os “habitantes”, todos os planos do urbanista são perturbados – “as maneiras de utilizar o espaço” ou a maneira como se faz o uso cultural fogem da planificação. (Gesser, 2009, p.54)

Skliar (2013) apresenta outra visão de sua observação de como se dá a cultura dos surdos. Ele começa dizendo que: muitos surdos estão submetidos a condição de aculturação, pois procuram copiar integralmente a cultura “melhor” do mundo ouvinte ocidental europeu. O autor esclarece que, dentro dessa perspectiva, separa-se o modelo da cópia, não como variação de grau do mesmo padrão e sim como diferença real multicultural. Com isso, os ouvintes brancos, ricos e ocidentais conseguem avançar com suas respectivas dominações, pois sua cultura “melhor” transforme-se em um modelo superior, ou seja, não somente em relação aos surdos, mas, contudo, em relação a si mesmos.

Nessa mesma perspectiva, o autor explica que a cultura pode ser considerada uma diretriz simbólica onde existe um canal que homens determinados exprimem, de maneira definida suas relações com a natureza, entre si, em com o poder, de maneira pelo qual elucidam essas relações, sendo que a própria noção de cultura é adversa à unificação. (Skliar, 2013, p. 144).

Existem muitos estereótipos em relação à identidade e à comunidade surda. O que ocorre é uma ultrageneralização histórica na educação surda. Perspectivas educacionais inspiradas a partir de conceitos estereotipados sobre estas crianças prejudicam o desenvolvimento de suas necessidades comunicativas. Já é hora de analisarmos a heterogeneidade existente na comunidade surda e a diversidade das experiências educacionais e sociais que influenciam a identidade das pessoas surdas (PARASNIS, 1996).

Para Skliar (2013), é possível analisar diferentes comunidades surdas, cada uma com suas características próprias, sua forma de enxergar o mundo e sua própria produção cultural, como ocorre em algumas situações em outros grupos sociais, como a exemplo dos indígenas, dos negros, das mulheres. Outro exemplo seria uma comunidade surda bilingue, multicultural, capacita os sujeitos a conviverem com duas linguagens ou várias culturas. A aquisição nesse caso de um conhecimento inato adquirido, representa a concentração, acúmulo, o aglomerado de experiências dos

integrantes daquele determinado grupo na busca de soluções para problemas de sua existência. Contudo, muitas dessas possíveis soluções são institucionalizadas garantindo apenas o sucesso pessoal ou do grupo.

As pessoas nascem dentro de um grupo, socializando-se com os pais, amigos, professores e outros. Para Emerton (1996), esse processo de enculturação, que é o processo que as pessoas passam desde o nascimento, pois ela transita dentro de um grupo, de pais, amigos, familiares, professores e outros, é socializada por esses ao qual pertenceu ou passou. Sendo assim, esse processo de chama de *enculturation*⁸.

Emerton (1996) ainda explica que surdos que têm pais ouvintes que não se comunicam em língua de sinais sofreram um processo de prejuízos culturais, pois esses surdos provavelmente só terão contato com a cultura surda quando forem ou para uma escola surda ou se conviverem com amigos surdos, onde poderão assim desenvolver a sua identidade enquanto sujeito surdo. Com isso, Skliar (2013) continua conversando com Emerton (1996) e explica que dentro desse processo, isso não significa que ele seja emancipador e libertador dos sujeitos surdos, pois até mesmo sendo eles inseridos na cultura mais próxima de sua identidade, poderão se defrontar com “concepções elitizadas de um grupo dominante surdo, de um determinado lugar, que julga serem inferiores os surdos das classes populares, reproduzindo uma visão colonialista”. (Skliar, 2013, p. 145).

Para Skliar (2013), apesar do risco que existe de estar dentro de uma cultura “desigual”, é importante que os surdos possam progredir na sua maneira de enxergarem o mundo. Muitos surdos, por vezes só encontram outros surdos quando já estão na fase da adolescência ou na fase adulta e começam a estreitar as relações e frequentar clubes, escolas, lugares e grupos de surdos nesta fase. Para os surdos, esses momentos de encontro são fundamentais para o diálogo, para a compreensão e para a prática da cultura surda, pois é ali que se sentem correspondidos.

A comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais, que se diferem de outras comunidades onde existe a possibilidade de comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam de língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas. (SKLIAR, 2013, p. 146).

⁸ É o processo pelo qual as pessoas aprendem os requisitos de sua cultura circundante e adquire valores e comportamentos apropriados ou necessários nessa cultura. Como parte deste processo, as influências que limitam, diretam ou moldam o indivíduo incluem pais, outros adultos e colegas. Se for bem-sucedido, a inculturação resulta em competência na linguagem, valores e rituais da cultura. (educalingo.com/pt/dic-en/enculturation)

Isso demonstra claramente, como Skliar (2013) menciona, que o sistema de relações familiares surdas, ou seja, o núcleo familiar surdo difere significativamente de uma sociedade ouvinte, sendo essa uma das indicações de que a comunidade surda se constitui quase como se fosse um grupo étnico. Se a comunidade surda fosse igual a determinada comunidade ouvinte, os valores e atitudes associados as relações refletiriam em ambos os casos e com isso os sistemas familiares da mesma forma.

CAPITULO II - A IMPLEMENTAÇÃO DA DISCIPLINA DE LIBRAS NO CONTEXTO DOS CURSOS DE LICENCIATURA – BASES LEGAIS

É por intermédio do Decreto 5.626/2005, no seu artigo 3º, parágrafos 1 e 2, que fica determinado a implementação obrigatória da disciplina de libras nos cursos de Licenciatura de todas as instituições de educação superior do Brasil.

Para Souza (2017), essa de fato foi uma grande conquista, visto que diz respeito à educação dos surdos e que o mesmo infere num preparo adequado de professores do ensino superior, como favorecimento de uma educação adequada aos alunos surdos em situação de inclusão.

Souza (2017), conversando com Mercado (2012 *apud* ANDRADE, 2013, p. 4243.), afirma que o mencionado Decreto é uma forma de favorecer a nova construção, para a perspectiva de um atendimento de mais qualidade para a comunidade surda brasileira, pois se refere à confirmação do acesso dessa comunidade a todos os âmbitos da sociedade em que se encontra inserida, inclusive no que tange ao setor educacional. Andrade (2013, p. 42-43), ainda corrobora afirmando que:

Um dos destaques que se pode verificar na legislação de 2005, na esfera educacional, é a consideração de que os surdos vivem em um país cuja maioria linguística é diferente da sua, portanto deveriam ser preparados sob uma perspectiva bilíngue. [...]. Entendemos que em qualquer processo de formação, seja inicial ou continuada, é necessário prover professores e licenciados com conhecimento na área de educação bilíngue para a melhoria dos processos educacionais ministrados a alunos surdos na rede comum de ensino, em escolas comuns para surdos, em turmas em que a Libras é língua de instrução, ou em sala de recursos.

Na visão da autora, a educação deve respeitar as particularidades linguísticas do surdo com o objetivo de promover a acessibilidade comunicativa e não obstante a sua inserção social. Souza (2017), também aponta para a importância de não recair apenas no que tange à acessibilidade e à inserção do sujeito surdo, mas também para o aspecto do valor linguístico que a Libras possui, uma vez que está ainda não possui a devida valorização e reconhecimento social merecido enquanto uma Língua verdadeira, apesar de já ter sido oficializada legalmente há algum tempo.

Leite (2016, p. 95) concorda com a afirmação dos autores anteriores e retoma a afirmação, dizendo que a promulgação da Lei de Libras foi um grande avanço para as comunidades surdas brasileiras, especialmente para as comunidades visuais. Foi por intermédio da lei que a Libras passou a ser reconhecida como língua, muito

embora, doravante ainda se necessite de um longo caminho como jornada de reconhecimento, aceitação e valorização dessa língua como uma língua oficial. Com o Decreto nº 5.625/2005, o ensino de Libras foi regulamentado e passa assim a compor como disciplina curricular, agora obrigatória, para todos os cursos de licenciatura, Fonoaudiologia e saúde.

Já nos demais cursos de graduação superior e profissional, explica Leite (2016), sua obrigatoriedade se torna optativa. Com isso, outra importante conquista para o movimento dos visuais veio no ano de 2010, quando a profissão do tradutor e intérprete de Libras passou a ser contemplada na Lei nº 12.319⁹ de 01 de setembro de 2010.

Ainda sobre o Decreto nº 5625/2005, no que concerne à formação de professores de Libras, as disposições legais tipificam a formação do professor em duas grandes frentes. A primeira dessas formações diz respeito à formação do professor de Libras, no que entendemos como ensino numa interpretação/concepção da linguística. (LEITE, 2016, p. 95).

Art. 4º - A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua. *Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.* (BRASIL, 2005, art. 4º).

Desta forma, um professor formado em Letras, com habilitação em Libras ou Letras-Libras (curso por exemplo ofertado pela UFMT e UnB), não poderá atuar na educação infantil, tampouco nas series iniciais do ensino fundamental. Para isso, o Decreto em seu artigo 5º propõe a segunda frente da formação:

Art. 5º - A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue. § 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no caput. (BRASIL, 2005, art. 5º).

⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm
Consultada em 02 de novembro de 2018.

Leite (2016) explica que, conforme a citação do artigo, o professor formado no curso de Letras-Libras não poderá atuar no ensino infantil e nas series iniciais do ensino fundamental. O mesmo Decreto, em seu artigo 10º, define que a Libras deve ser inserida como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia, bem como nos cursos de Tradução e Interpretação da Libras – Língua Portuguesa, nas instituições de ensino superior do país. (LEITE, 2016, p. 96)

No momento existe uma oferta razoável de cursos de extensão de Libras. Leite (2016) explica que o número de pesquisas acadêmicas relacionadas a essa língua vem crescendo. No entanto, os cursos de formação ainda estão restritos e, em sua grande maioria, apenas o curso de Letras-Libras, na modalidade licenciatura ou bacharelado.

2.1. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

Publicada em 6 de julho de 2015, a Lei nº 13.146, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), foi elaborada para assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015)

A Lei define pessoa com deficiência como aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Prevê que a avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar.

A Norma (BRASIL, 2015) ainda traz as definições de acessibilidade – possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida –, de desenho universal – concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto

específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva –, e ainda, de tecnologia assistiva ou ajuda técnica – produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social –, entre outras definições.

2.2. Atendimento educacional especializado para pessoas com surdez

Segundo os autores Damázio e Ferreira (2010), o atendimento educacional especializado para pessoa com surdez, na visão inclusiva, estipula como ponto de partida o entendimento e o reconhecimento do potencial e das habilidades desse ser humano o seu pleno desenvolvimento e aprendizagem.

As diferenças desses alunos serão respeitadas, consideram a obrigatoriedade dos dispositivos legais, que determinam o direito de uma educação bilíngue, em que Libras e Língua Portuguesa escrita constituam línguas de instrução no desenvolvimento de todo o processo educativo. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010)

O atendimento educacional especializado para pessoas com surdez deve ser observado como construção e reconstrução de conhecimentos, experiências e aprendizados conceituais em que a organização do conteúdo curricular não deve estar pautada numa visão linear, hierarquizada e fragmentada do conhecimento. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010)

Para Damázio e Ferreira (2010), o atendimento educacional especializado para pessoa com surdez necessita ser pensado e trabalhado em redes que sejam interligadas, sem hierarquização de conteúdo, sem dicotomizações, reducionismos, mas sim com uma ação que beneficie o pensar e o fazer pedagógico. O objetivo é que a viabilidade de um ensino, em que o aprender a aprender será adequado e dará suporte para que o professor e o aluno com surdez interajam com a sala de aula comum e efetuem alianças, para que se promova a mediação pela compreensão do conhecimento e, a partir disso, sejam abertas novas possibilidades, técnicas e estratégias de ensino.

A partir dessa estrutura bem delimitada e interligada, “as práticas metodológicas do atendimento educacional especializado para a pessoa com surdez, sob a ótica do

pensar inclusivo, quer a conjunção, em que as partes e o todo estejam numa simbiose” (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010, p. 50). Para que ocorra essa simbiose apresentada, faz-se necessário adotar a Pedagogia Contextual Relacional.

Com o intuito de explicar o que é a Pedagogia Contextual Relacional, Damázio e Ferreira (2010) explicam que essa Pedagogia serve como mecanismo de formar o ser humano com base em contextos significativos, buscando desenvolvê-los em aspectos: na vontade, na inteligência, no conhecimento, em ideias sociais, despertando esse ser humano em suas qualidades e habilidades, e ainda, mantendo em um movimento relacional sadio entre o meio ambiente e o ser, descartando tudo o que é inútil e sem valor para a vida real. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010, p. 50 *apud* DAMÁZIO 2005).

Segundo Damázio e Ferreira (2010), essa perspectiva e rotina, adquirem significados, passando a levar em consideração todas as vivências contextuais relacionais que o ser humano em desenvolvimento/evolução pode experimentar. “Nesse contexto, o aluno com surdez se sentirá situado e compreender com mais facilidade os conteúdos em estudo.” (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010, p. 49).

Em conformidade com esses preceitos, os autores Damázio e Ferreira (2010) citam:

Essa ação pedagógica entre o conhecedor, o conhecimento e o conhecido, não fica restrita ao conhecimento do mundo físico, dos objetos no plano concreto. Ela também se realiza por meio de exercícios reflexivos, intuitivos e abstratos, baseados na complexidade fenômeno inter e intra humanos e no meio vivencial, de forma processual, e exige muita investigação e atos educativos ligados à necessidade do aluno com surdez, por meio de sistemas complexos que são auto organizados. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010, p. 50)

Nesse prisma, o aluno é trabalhado com base na compreensão do desenvolvimento e aprendizagem, observando os campos pedagógicos e linguístico das duas línguas no atendimento educacional especializado para pessoa com surdez. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010).

Damázio e Ferreira (2010) afirmam que, para aprimorar o ambiente do atendimento do AEE da pessoa com surdez, faz-se necessário aplicar a metodologia vivencial, que leva o aluno a aprender a aprender. Essa metodologia pode ser assimilada como um trajeto percorrido pelo professor, para aprimorar as condições essenciais de aprendizagem do aluno surdo numa abordagem bilingue.

Nesse panorama, o professor do atendimento educacional especializado para a pessoa com surdez necessita compreender que seu papel é se colocar na condição de autoridade e gestar com responsabilidade a construção e criação de ambiente

capaz de proporcionar a esse aluno, os mais adequados métodos, procedimentos e recursos para uma aula especializada. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010).

Assim, Damázio e Ferreira (2010), apresentam que o professor, por meio dessa metodologia, necessita adotar os seguintes princípios básicos para o ato de aprender a aprender:

O aluno com surdez pensa, questiona e levanta ideias sobre todas as coisas; ao levantar ideia, entra em conflito com os esquemas anteriores; ao entrar em conflito, busca respostas aos seus questionamentos, visando refutar ou confirmar o que está sendo investigado, estudado; ao descobrir sobre o saber investigado, tem um ato conseguido; esse ato conseguido precisa ser repetido, construindo a aprendizagem significativa; ao apreender o saber, a pessoa com surdez realizará sua aplicabilidade no seu cotidiano de vida. (DAMÁZIO, FERREIRA, 2010, p. 50)

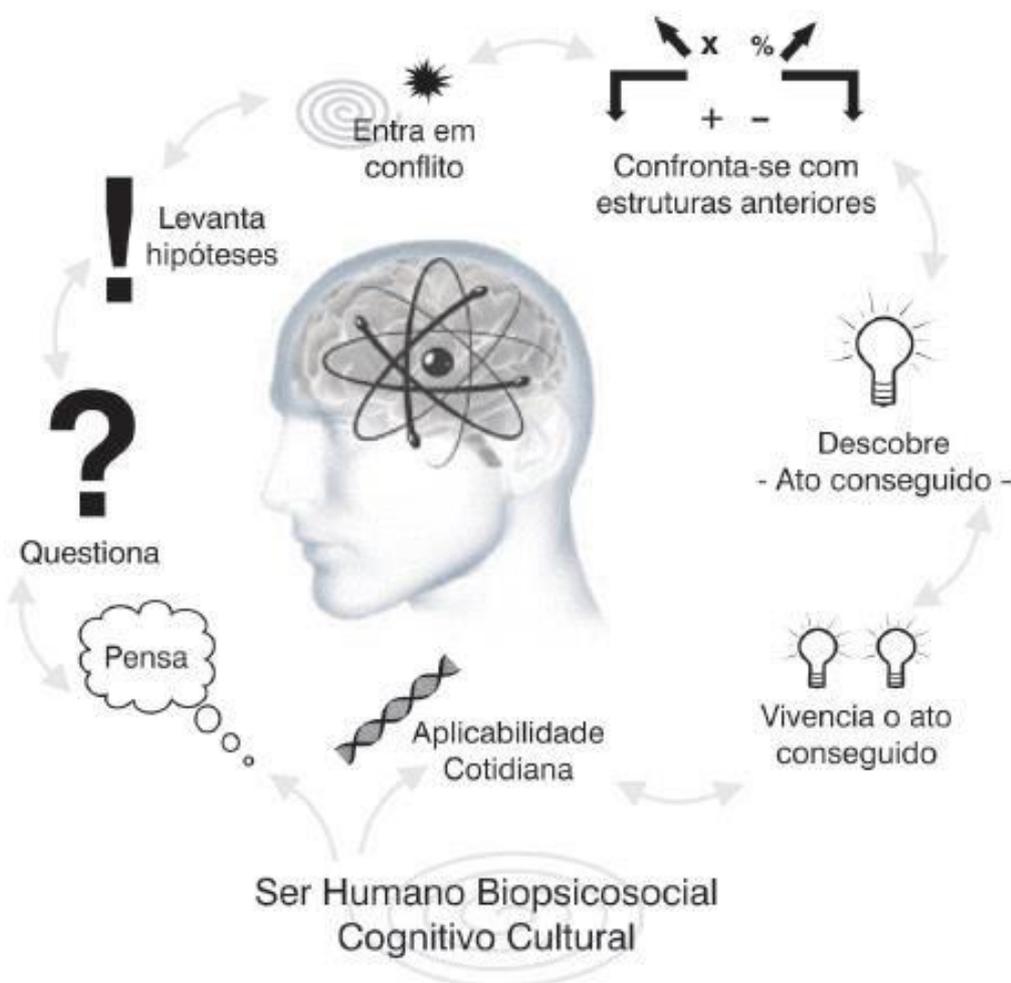


Fig. 1 - Síntese esquemática da metodologia vivencial.

O quadro da síntese esquemática da metodologia vivencial produzida pela revista de educação especial (2010), demonstra o contexto das práticas de como

funciona o ciclo de aprendizagem para um aluno surdo que necessita de investigação, construção, aprender a aprender, aplicabilidade do ensino e ambiente favorável para esse ensino, além de profissionais capacitados.

2.2.1. Da igualdade e da não discriminação (Lei 13.146/2015 – título I – capítulo I)

A Lei nº 13.146/2015 garante a toda pessoa com deficiência direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e o direito a não sofrer nenhuma espécie de discriminação¹⁰.

Garante, também, que pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante. (BRASIL, 2015)

Essas garantias reforçam a obrigatoriedade da inclusão da disciplina de libras nos cursos de Licenciatura dos cursos de licenciatura oferecidos no Brasil¹¹, proporcionando à pessoa surda inclusão social e o combate à discriminação da pessoa com deficiência.

2.2.2. O acesso à informação e a comunicação (Lei 13.146/2015 – título III – capítulo II)

O acesso à informação e a comunicação também são contemplados na Lei nº 13.146/2015, que define como obrigatória a inclusão de ferramentas de acessibilidades nas páginas eletrônicas mantidas por órgãos do Governo:

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente. (BRASIL, 2015)

¹⁰ Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. ¹¹ Regulamentado pelo Decreto 5.626/2005.

Da mesma forma, a Lei estabelece que os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtítuloção por meio de legenda oculta; II - janela com intérprete da Libras; III – audiodescrição.

Também prevê que poder público deverá estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras e que caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem. (BRASIL, 2015)

CAPITULO III - A DISCIPLINA DE LIBRAS E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NA UNB

A proposta de pesquisa sobre as contribuições da disciplina de libras na formação do Pedagogo partiu do interesse pela matéria, motivado pela maneira como a Disciplina foi apresentada ao longo do semestre pelo professor regente Davi Pereira da Silva Junior e pela proposta da ementa curricular da matéria, chamada de Escolarização de Surdos e Libras.

A Disciplina ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília atende à determinação do Decreto nº 5626/2005, que prevê que a disciplina Libras deverá ser ofertada de forma obrigatória nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas, com o intuito de assegurar que o futuro professor obtenha previamente uma compreensão a respeito dos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes surdos e de sua peculiar forma de comunicação.

A Plano de Curso da disciplina de libras revela que é fundamental proporcionar aos estudantes do curso e futuros profissionais da educação condições de estudo para que eles sejam capazes de compreender que a Libras é um produto sociocultural das comunidades surdas e imprescindível ao desenvolvimento e a educação dessas pessoas.

Os conteúdos programáticos relacionados na ementa versam, ainda, sobre temas que contemplam os seguintes aspectos:

Formação de professores(as) e • A formação de professores(as) e concepções sobre surdez na escola educação de alunos surdos

- *Atuação do(a) professor(a) na educação de estudantes surdos*
 - *História da educação de alunos surdos*
 - *Filosofias educacionais para estudantes surdos*
 - *A inclusão escolar de estudantes surdos*
-

Aspectos linguísticos na educação de surdos

- Aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança surda.
- A importância dos pares para o desenvolvimento das identidades surdas.
- Comunidades e culturas surdas.
- Legislações da área de surdez.
- Políticas Educacionais para surdos.
- Aspectos pedagógicos da educação bilíngue para surdos: Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua.

A Língua Brasileira de Sinais: estrutura e contexto.

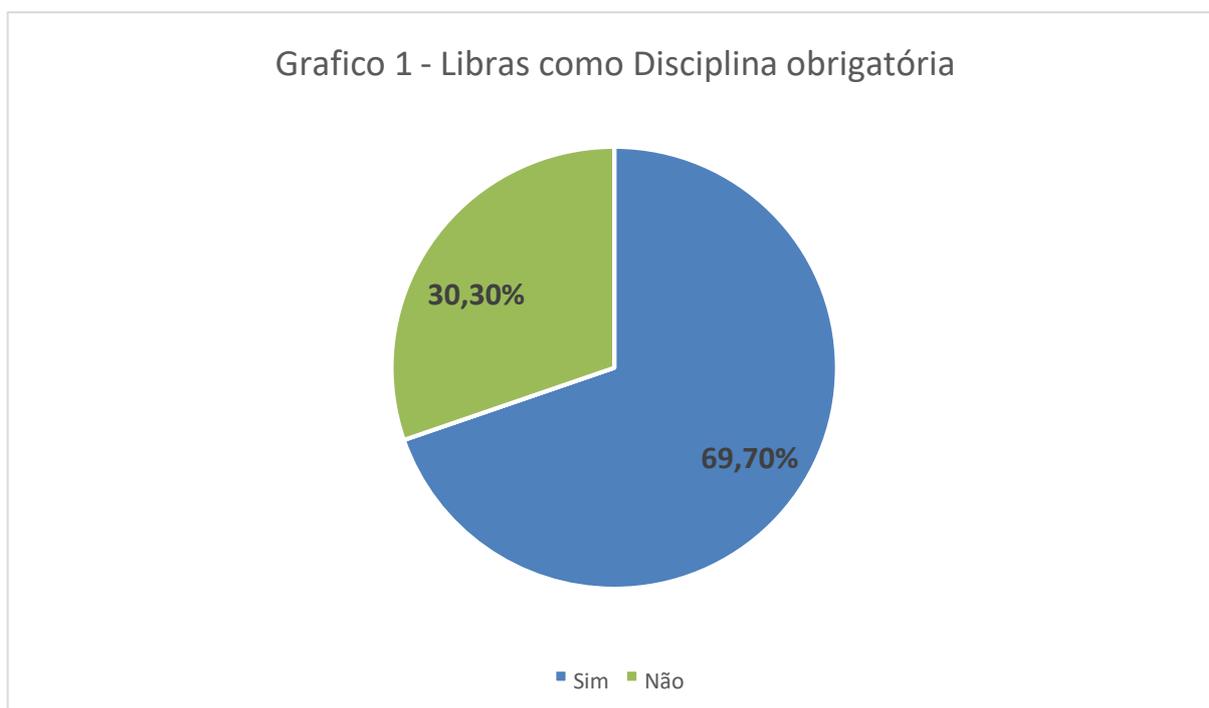
- Conhecimentos Básicos da seguinte estrutura gramatical:
Fonologia em Libras -
Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação e Expressões Não Manuais. (Alfabeto Manual).
- Morfologia em Libras:
Substantivos, Pronomes, Verbos, Adjetivos, Numerais, Sintaxe em Libras: Estruturação frasal
Semântica e Pragmática em Libras.

Para levantamento de dados sobre a proposta pesquisada, foi aplicado nos meses de outubro e novembro de 2018, questionário online, contendo dez perguntas. Quatro delas fechadas e seis abertas, para que os alunos colocassem suas opiniões e conhecimento sobre o assunto exposto. O Questionário aplicado foi realizado com trinta e três estudantes do curso de pedagogia da Faculdade de Educação – UnB.

Como extensão dessa fonte de pesquisa, foi realizado quatro entrevistas semiestruturadas com discentes do 6º ao 8º período de curso de Pedagogia, para um diálogo sobre a visão desses estudantes quanto à Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras.

3.1. Libras como Disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura e Saúde

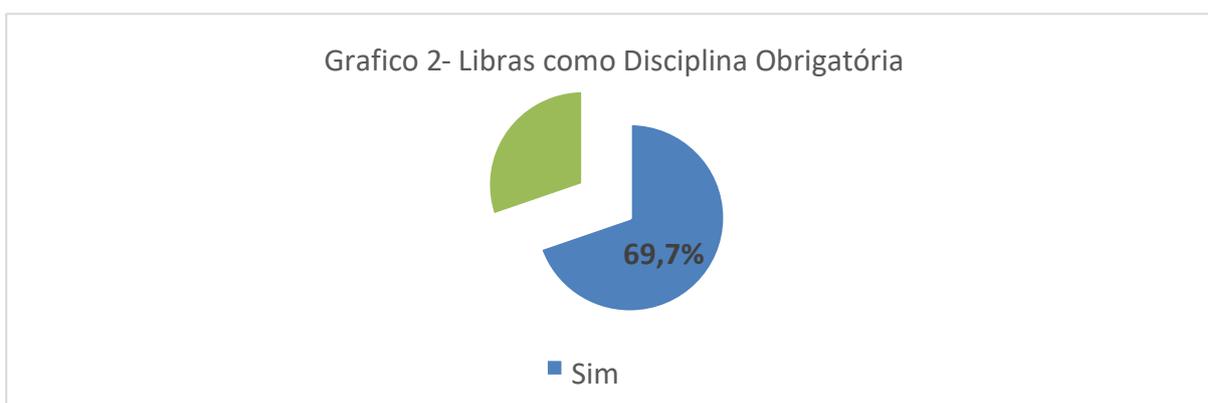
Tendo como base a determinação do Decreto nº 5626/2005, que torna obrigatória a oferta da disciplina Libras em cursos de licenciatura, bem como para fonoaudiólogos, enfermeiros, médicos e outros profissionais da área da saúde, foi perguntado aos entrevistados se essas bases legais trouxeram mais notoriedade às comunidades surdas e se essa obrigatoriedade passou a formar profissionais mais habilitados e a olhar de forma mais sensível para a pessoa surda. Eles avaliam que:



Fonte: Sousa (2018)

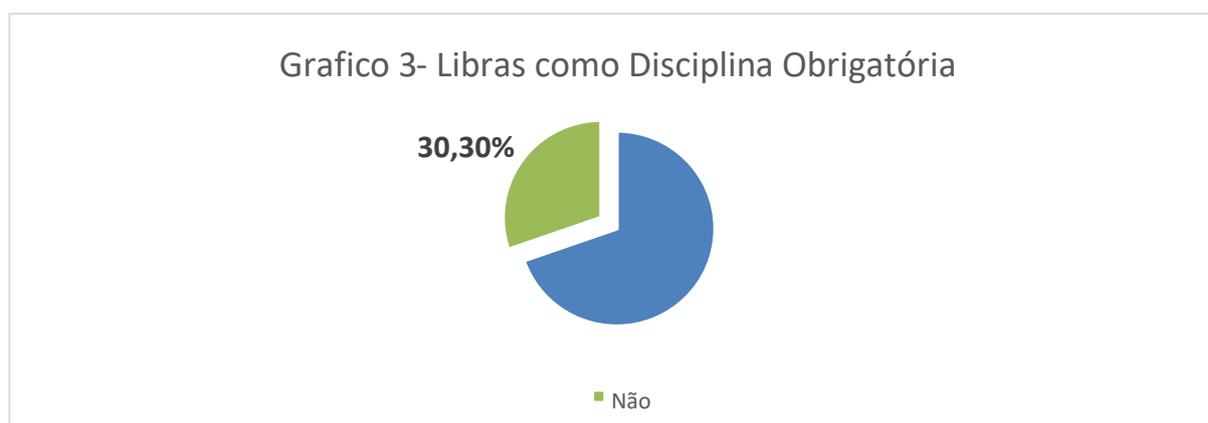
Análise:

Como pode ser visto no gráfico 1, dos trinta e três estudantes da pedagogia, que responderam ao questionário, 69,7% disseram que acreditam que a obrigatoriedade da disciplina de libras trouxe mais visibilidade e notoriedade à pessoa surda, a partir da implementação da mesma nos cursos de licenciatura e saúde.



Fonte: Sousa (2018)

Já 30,3% dos estudantes alegou que não houve mudanças, tampouco escuta e espaço de notoriedade para a pessoa surda devido a inserção e obrigatoriedade da disciplina de libras, como prevê o Decreto 5626/2005. Os dados demonstram que apesar do que precisamos avançar, para esses estudantes já é possível observar um considerável avanço nesse quesito.



Fonte: Sousa (2018)

Nas entrevistas tive a oportunidade de dialogar de forma mais ampla com alguns sujeitos da pesquisa. O entrevistado 1 aponta a importância sobre as leis e decretos que trouxeram mais visibilidade para as comunidades surdas. O relato ainda apresenta que, embora seja tímida essa visibilidade, a obrigatoriedade da Libras

enquanto disciplina nos cursos superiores de licenciatura e saúde proporcionaram grande avanço, muito embora a carga-horária seja pequena, se analisado a quantidade de coisas que necessitaríamos saber enquanto professores saber sobre a pessoa surda:

Como não falar disso. Dessa importância. Primeiro para dar visibilidade a essa comunidade surda que um fator primordial. Acredito que por intermédio dessa visibilidade eles já passaram a ter após a inserção dessas leis, um olhar ainda que pouco, mas significativo para o avanço da cultura surda. Hoje os jornais ainda tratam o tema muito no âmbito do senso comum. Mostram crianças recebendo aparelhos de implantes coclear e dizem: Olha que lindo, que comovente, a criança está sendo inserida no nosso contexto. Mas será que esse surdo necessita desse tipo de inserção? Acredito que somos nós que devemos aprender mais sobre essas comunidades e seus costumes. As leis servem para isso, para nos dar base legal sobre o assunto e ainda prover direitos educacionais a comunidade surda. Percebo que as mudanças ainda foram poucas e caminham de maneira sutis, contudo devemos bater palmas para essas mudanças. Aqui no nosso currículo que ainda pertencço ao currículo antigo, vejo que a matéria é frisada de maneira rápida e não temos a oportunidade de um aprofundamento. Nossa matéria se chama Escolarização de Surdos e Libras. Mas que tipo de escolarização estamos recebendo apenas com a carga horária de 60 horas.

Nessa direção a entrevistada 2 avalia como de extrema importância a obrigatoriedade da Disciplina nos cursos de licenciatura e saúde, pois, para ela, antes da obrigatoriedade não existia visibilidade para as comunidades surdas. A entrevistada considera pequena a carga-horária oferecida pela Universidade, pois com apenas uma matéria ao longo do curso, é difícil aprender tudo que precisaríamos para a sala de aula. Contudo, ela considera a implantação da Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras um avanço notório:

Avalio como importantíssimo, pois passam a obter uma visibilidade que antes da implementação das leis não existia. Tem também o reconhecimento. A identidade. A comunidade passou a conhecer que são os surdos. Porém, ainda vejo que temos um longo caminho a ser trilhado. Vejo que pelo fato de termos uma carga horária pequena da matéria, estamos formando infelizmente muitos pedagogos ainda despreparados para lidar com o aluno surdo. Temos um longo caminho pela frente. Acredito que precisamos ainda de mais mudanças para vermos melhores resultados para as comunidades surdas. Embora, não seja possível negar que houveram avanços, e eles hoje preparam, mesmo que minimamente esses futuros profissionais.

A entrevistada 3 acredita ser importante incluir e aprender sobre essa inclusão. Porém, ela afirma que: quando aprendermos o real sentido de entender o outro e não

o vê-lo mais com alguém incapaz, talvez não precisaremos mais usar o termo inclusão:

Primeiro eu acho que é uma valorização que se dá para essas pessoas. Acredito que a inclusão ela é importante, porém, quando as pessoas compreenderem o que é de fato incluir, quando não houver barreiras entre elas, as pessoas saberão a maneira certa de fazê-lo. Acredito ser um grande passo ter essa obrigatoriedade em nossa formação, pois quando formados lidaremos em algum momento com pessoas surdas. Precisamos mesmo desse conhecimento.

Para a entrevistada 4, as leis viabilizaram o olhar esquecido para a comunidade surda. Eles passaram a ter mais visibilidade. Por intermédio das leis, eles podem apresentar sua cultura, sua língua e seus costumes como algo que todos nós precisamos conhecer, não apenas professores e profissionais da saúde, mas toda a comunidade de maneira geral:

Acho muito importante para elas deixarem de ser invisíveis. Mostrar para o professor, para as pessoas, para a comunidade que eles estão inseridos que esses surdos possuem uma cultura, uma língua. Língua essa é oficial. E ver sendo implementada em nossa formação acredito ser muito válido e importante. Vejo que é pouco e insuficiente o tempo de aprendizado, contudo já é uma forma de valorizar a cultura e inserir nesses futuros pedagogos um olhar mais sensível.

Segundo Gesser (2009), implantação da Língua Brasileira de Sinais como disciplina curricular nos cursos de licenciatura do Brasil, vem em decorrência da luta e do ativismo da comunidade surda brasileira, que ao longo dos anos vem lutando e trabalhando pelo reconhecimento da Libras como língua verdadeira e pelo respeito e ascensão da minoria surda.

Para a autora, priorizar o estabelecimento desse Decreto e de outros documentos referentes ao mesmo público, ou seja, o surdo, “decorre de uma série de razões históricas que se relacionaram com a segregação, o desrespeito, a dominação, enfim, com todas as atitudes ouvintistas”, que especifiquem intensas barreiras nas várias instâncias sociais para o surdo, principalmente no âmbito educacional.

3.2. Libras e sua contribuição na formação do Pedagogo

Considerando a história de luta das comunidades surdas, perguntou-se a respeito da Libras como Disciplina de importante papel na formação dos futuros pedagogos. Todos os estudantes que responderam ao questionário aplicado, afirmaram que sim. Que todos consideram que a Libras é muito importante no processo de formação desses profissionais.

As respostas dadas nas entrevistas corroboram com esses resultados, tendo em vista que o entrevistado 1, por exemplo, afirma:

Com toda certeza é importante. Principalmente para aquelas pessoas que desejarem atuar nas escolas como professor, pois necessita ter uma base para se trabalhar com alunos surdos. Na época que cursei a disciplina, me senti muito prejudica, pois, as aulas ocorriam nas sextas-feiras e com isso houveram muitos feriados e fomos muito prejudicados pela ausência de aulas canceladas. Ou seja, acabamos perdendo muitas questões importantes e que com certeza iram influenciar futuramente em nosso desempenho caso necessitemos usar em sala de aula. E penso que na formação geral do curso, deveríamos ter mais matérias sobre surdez, libras, aspectos legais e contexto histórico das libras, que senti que isso faltou também um pouco.

Na mesma direção foram as respostas dos demais entrevistados, como pode ser observado na sequência:

Entrevistada 2:

Com certeza é importante, principalmente se tratando de inclusão, até porque se nós vamos nos formar professores, temos que ter a consciência que em algum momento, poderemos receber em nossa de aula um aluno surdo. Se o currículo demanda inclusão, acredito ser importantíssimo que conheçamos mesmo que minimamente um pouco da realidade e cultura deles.

Entrevistada 3:

Sim. Ela é muito importante. Quando você chega numa sala de aula, você vê a diversidade presente, com isso é importante esse conhecimento, para que o professor saiba atender a especificidade de cada aluno. E em se tratando do aluno surdo, isso diz respeito diretamente ao conhecimento da língua em Libras. Isso fara grande diferença, mesmo que esse professor não seja especialista da área, mas poderá ajudar esse aluno e ter um olhar para ele.

Entrevistada 4:

Primeiro para quem nunca teve contato com a disciplina, traz um despertar. Depois isso proporciona maior interesse para futuros profissionais trabalharem na área da surdez. Segundo, acredito ser um start na formação

do pedagogo, embora eu considere que só uma disciplina seja pouco e insuficiente para o tamanho do aprendizado que necessita se obter. Mas se o pedagogo desejar mais desse conhecimento, para a própria formação dele, temos cursos de formação continuada, pois com certeza aquele que se interessar vai precisar pagar a parte por uma formação continuada e longo prazo na área. Mas acho super válido

Análise:

No questionário aplicado, 100% dos estudantes responderam que enxergam a Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras como um conhecimento indispensável para a formação dos futuros pedagogos. Em harmonia com as respostas dos questionários, as quatro estudantes entrevistadas, responderam que consideram também de grande valor é importância para a formação.

No primeiro trecho, a entrevistada 1 afirma que se queremos ir para as salas de aulas como professores, educadores, precisamos conhecer a respeito dessa língua, sobre a cultura das comunidades surdas. A entrevistada também cita a necessidade de mais tempo de aprendizado na Disciplina. Um semestre é pouco (alega a entrevistada), para conhecer seus aspectos legais, históricos e a língua como um todo, considerando a carga-horária insuficiente.

Para a entrevistadas 2 e 3, os trechos de afirmação se igualam no que diz respeito a importância da Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras para o curso de Pedagogia. Ambas afirmam que, em algum momento, precisaram utilizar os conhecimentos aqui aprendidos, pois se tiverem um aluno surdo em suas salas de aula, necessitaram pelo menos saber lidar com as diferenças desse aluno, muito embora a língua em si, só se aprenda com formação continuada. Mas consideram um ganho o fato de conhecer pelo menos como ajudar esse aluno em sala de aula.

No trecho 4, a entrevistada corrobora que, para quem nunca teve contato com a Libras, o estudo da Disciplina proporciona uma nova visão, oferece um *start* diferente na vida desse acadêmico e futuro pedagogo, muito embora a entrevistada considere ser insuficiente o tempo de estudos na Disciplina. Para ela, se o professor se interessar pode procurar uma formação continuada e investir na área, afinal é uma área nova e que necessita de mais aprofundamento.

Guarinello (2007), explica que, no final da década de 1970, surge nos Estados Unidos um movimento de reivindicação pela língua e cultura das minorias linguísticas. Sendo assim, os surdos, como membros dessa comunidade minoritária que utiliza

língua própria e possui uma cultura própria, lutaram pela obtenção de língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua de seu país como segunda língua (L2).

Guarinello (2007) ainda esclarece que, de acordo com a concepção sócio-antropológica, os surdos pertencem a uma comunidade linguística minoritária, que possui uma língua, valores, hábitos culturais e modos de socialização próprios. Ou seja, para a autora, essa comunidade surda, portanto, é aquela que possui língua, identidade própria e se reconhece como diferente. Com isso, a surdez passa a ser vista não mais como uma deficiência e sim como diferença.

Para o autor Quadros (1997), diante de todos os estudos realizados sobre a língua de sinais, faz-se necessário perceber a complexidade e ao mesmo tempo a riqueza que essa língua possui. Para o autor, cabe aos profissionais que estarão diretamente em contato com esses surdos, no dia a dia em suas salas de aulas, ou mesmo em outros espaços, preocupar-se em dominar a língua de sinais para que a interação com o aluno surdo ocorra de maneira verdadeira e o aluno obtenha as informações necessárias. Para que isso ocorra, de maneira natural, esse profissional deverá aprender a utilizar essa língua. O processo de aprendizado, como para qualquer outra língua, necessita investir tempo e dedicação para o aprendizado e obtenção do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais. (QUADROS, 1997).

3.3. Libras como produto de desenvolvimento sociocultural das comunidades surdas

Quanto à compreensão dos entrevistados sobre a Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras que cursaram na Faculdade de Educação, foi perguntado se sabem que a Libras é um produto sócio cultural das comunidades surdas de importante valor para o desenvolvimento da pessoa surda. Os resultados foram:

Análise:

Nas questões abertas do questionário a medida que os estudantes foram respondendo, muitos disseram que a pergunta estava formulada errada, pois alegaram que a Libras não é um produto sociocultural e sim uma língua. Contudo, a resposta da pesquisadora dada a esses estudantes que não captaram a proposta da pergunta, foi que: a própria ementa curricular da Faculdade de Educação menciona a

Libras como produto sociocultural de grande valor para as comunidades surdas, isso, contudo, não se refere a produto comprado, mais sim a um produto adquirido.

Ao que as respostas dadas no questionário foram das mais variadas entre os estudantes, e seguiram pela linha de importância à valorização da comunidade surda e da língua de sinais, se misturando às respostas sobre identidades surdas:

Sim. Porque a partir da Libras, o indivíduo passa a se tornar um ser social na perspectiva da linguagem como uso primordial para a socialização. Desse modo, garantir que o indivíduo mantenha condições de integrar-se ao mundo em que vive, garante a ele, o direito de apropriar-se de um objeto cultural, no caso, a linguagem.

Sim, porque é uma forma de comunicação predominante na comunidade e a partir da Libras também se desenvolve a cultura surda símbolo muito importante da cultura surda, que faz parte da sua identidade.

Produto? Não vejo como produto, mas como uma linguagem que deve ser ensinada ao surdo para que o mesmo possa se comunicar.

Sim, claro, acredito que precisamos conhecer mais sobre essas culturas. Até porque cada um tem a sua cultura. E antes de fazer a disciplina, nem imaginaria como tudo isso aconteceu e acontece com os surdos, então, é muito importante todos nós sabermos.

É a forma de comunicação predominante na comunidade e a partir da Libras também se desenvolve a cultura surda.

Skliar (2013), explica um pouco sobre a questão da luta adquirida pela comunidade surda quando relata o contexto histórico dessa jornada. Para o autor, muitos surdos do mundo ocidental possuem marcas ampliadas de suas lutas como sujeitos reivindicadores de seus direitos, com os quais a livre expressão de suas ideias sempre esteve presente. Contudo, pais, professores, líderes governamentais e autoridades, por ausência de leis, silenciaram o grito surdo. “Muitos surdos também silenciaram as surdas e muitas surdas brancas, ricas, silenciaram outros surdos, negros, hispânicos, da mesma forma como foram silenciados outros movimentos de resistência à superestrutura”. (SKLIAR, 1997, p. 143).

Já as respostas coletadas nas entrevistas, tiveram respostas mais direcionadas a pauta da pergunta, pois as alunas demonstraram maior interesse e conhecimento sobre a temática.

A entrevistada 1 deixa claro a importância sociocultural que a língua surda possui, servindo assim como fonte de valorização histórica, da cultura que eles possuem. A entrevistada afirmou ainda que nós precisamos entender e conhecer a

respeito da cultura deles e não nos dedicarmos apenas para que eles se adaptem à nossa cultura:

Sim com certeza é importante. Primeiro para que possamos entender que tem uma cultura surda, porque até então queremos muitas das vezes fazer com eles se adaptem a nossa cultura, quando não fazemos nem mesmo o menor dos esforços para compreender a cultura deles. Entender como funciona a cultura deles, a língua que é completamente diferente e que de maneira geral nos precisamos conhecer e nos abrir para essa possibilidade de aprendizado.

A entrevistada 2 aponta o fato de que os surdos precisam ser notados, eles não devem ser obrigados a se adaptar à nossa cultura e sim nos que precisamos nos esforçar e conhecer mais sobre a cultura deles:

Sim considero de grande importância, até mesmo pela questão da visibilidade da comunidade que acabam sendo excluídos de alguma maneira da nossa sociedade, pois nós de maneira geral não conseguimos nos adaptar a cultura deles e queremos que eles se adaptem a nossa cultura.

A terceira e quarta entrevistadas concordam que a língua de sinais trouxe mais visibilidade a comunidade surda e que essa por vez, é a língua deles.

Eu tenho amigos surdos, e eles me disseram que a Libras é a primeira língua deles. A libras é falada somente aqui no Brasil. Cada país tem a sua língua surda. Com isso considero de grande importância todo esse contexto histórico, e essa construção para as comunidades surdas. Eles ganharam com essa construção, porém nós deveríamos dar mais valor a esse contexto de construção cultural para a comunidade surda. Aprender. Preservar e respeitar.

Considero muito importante, pois é a forma de comunicação deles. A maneira como eles se expressão está presente na Libras. E por intermédio dessa língua que hoje eles podem trabalhar, estudar, se comunicar, ter lazer, e expressar um pouco da cultura deles para nós, com isso considero de grande valor e importância.

Para o autor Skliar (2013), existem muitos estereótipos relacionados à identidade e comunidades surdas:

O que ocorre é uma ultrageneralização histórica na educação surda. Perspectivas educacionais inspiradas a partir de conceitos estereotipados sobre estas crianças prejudicam o desenvolvimento de suas necessidades na comunicativas. Já é hora de analisarmos a heterogeneidade existente na comunidade surda e a diversidade das experiências educacionais e sociais que influenciam a identidade das pessoas surdas (PARASNIS, *apud* SKLIAR, 2013, p. 144).

É muito importante segundo Skliar (2013), que os surdos possam desenvolver sua forma de como enxergam o mundo. Ele explica que alguns surdos só encontram outros surdos quando já estavam entrando na adolescência ou até mesmo já quando estão adultos. Outros, inclusive, somente após esse período, passaram a se relacionar com outros surdos, frequentar escolas diferentes, espaços surdos, *shoppings center* com outros surdos. Contudo, isso acontece muitas das vezes de maneira tardia.

Para os surdos, como explica Skliar (2013), esses momentos de conversar e trocar experiências, como se fosse para o ouvinte quando ele chega em casa, que liga o som, a tevê, ou mesmo algo que o distraia, precisam ser realidade. Os surdos precisam de conversa, de inserção, de um mundo onde eles consigam se achar, se ver e tudo isso apenas para estarem inseridos na cultura deles, “apenas para relaxar”. (SKLIAR, 2013, p. 146).

Assim como os ouvintes possuem a necessidade de falar e de serem ouvidos, o autor Skliar (2013) explica que a comunidade surda se faz de um complexo de relações e interligações sociais que são diferentes das demais comunidades onde existe a forma de comunicação oral. Para as pessoas surdas, a necessidade da língua de sinais e das experiências visuais para a comunicação são de estimado valor cultural de comunicação entre eles e para com outras pessoas.

3.4. Libras: Identidades Surdas

Sobre a importância de entrar num discurso disseminado pela maioria que não conhece sobre o que é, e qual a importância das comunidades surdas, foi perguntado aos entrevistados sobre o que eles entendiam por identidades surdas.

Análise:

Os resultados apontam que de maneira geral, tanto para os estudantes que responderam o questionário, quanto para as estudantes entrevistadas, a pergunta se apresentou complexa no sentido desses alunos não conseguirem explicar, externalizar de maneira clara, o que seriam identidades surdas. Eles apontaram como difícil a pergunta, pois partiram do pressuposto de que uma questão sobre identidades surdas só poderia ser respondida por uma pessoa surda, pois somente ela pode dizer que tipo de identidade possui. As respostas apresentadas no questionário foram:

Identidade surda é o que caracteriza o sujeito surdo.

Identidade surda é se perceber enquanto surdo e as implicações disso. Entender que ser surdo não é um defeito ou problema, mas que é uma característica e que esse traço faz o sujeito se comunica e perceber o mundo de uma forma diferente. Nem melhor e nem pior que o ouvinte, apenas diferente.

É a forma como o surdo se encaixa a determinados grupos dentro ou fora da comunidade surda.

Pessoas que se identificam com a libras.

Trata-se de uma comunidade de alunos com necessidades especiais e que precisam ser contempladas.

É multiculturalismo. Percebemos que essa diversidade de identidade faz com que a comunicação de cada indivíduo se estabeleça da melhor forma e que cada um compreenda.

Não saberei explicar pois não lembro do significado do termo, mas esse tema foi discutido na disciplina.

São vários tipos de surdez.

A entrevistada 1 disse que achava complexo e difícil a pergunta e que até pouco tempo não sabia o que era identidade surda. Disse que hoje sabe e entende que existem diferentes tipos de identidades surdas e que é isso que define cada surdo:

É uma pergunta complexa, pois existe diferentes tipos de identidades. Vim aprender isso a pouco tempo. Mais precisamente depois de um congresso que a Faculdade de Educação, juntamente com o LABES Libras ofertou, e foi lá que entendi essa diferença. Existe o surdo completo, parcial, híbrido, enfim, são muitas as possibilidades e ainda a depender de como essa pessoa surda se enxerga.

As entrevistadas 2 e 3 também alegaram complexidade na abordagem da pergunta, pois para ambas falar sobre identidades surdas é algo complexo. Disseram que entendem que não podemos achar ou colocar todos os surdos dentro de caixinha e achar que todos são iguais:

Essa pergunta é um pouco difícil, porém, eu acredito que, a gente, digo ouvinte, sempre quer colocar o surdo dentro de uma caixinha, achando que todo surdo é igual, porém cada surdo carrega uma identidade, uma maneira de ver o mundo, suas experiências e uma maneira de se comunicar. Tem o surdo que nasceu surdo. Tem o surdo que ficou surdo depois de um tempo, mas era ouvinte. Tem o surdo parcial e assim por diante. Diferentes são os tipos de identidades surdas e como eles se vêem.

Pergunta difícil essa. Mas bem, eu tenho amigos que não são completamente surdos, e que a identidade deles e surda e ouvinte, ou seja, eu as vezes

quando não consigo me comunicar em libras, posso falar que eles me entendem. Ou o contrário. Tem pessoas que são oralizadas, outras que se comunicam apenas com a libras. Isso varia de surdo para surdo e são eles que determinam a identidade que possuem.

A entrevista 4 compreende que existem diferentes tipos de identidades, assim como, na visão dela, existem diferentes tipos de apresentações de uma mesma pessoa, quer seja, no trabalho, na faculdade, na família, em outros espaços. E o mais importante segundo a entrevistada, é perceber como cada surdo se enxerga:

Eu acredito que existe diferentes tipos de identidades. Existe a versão trabalhadora, filha, estudante, religiosa, atleta, amiga, enfim; acredito ser assim também para a comunidade surda. Penso que a maneira como eles se veem e veem o mundo, pois são essas aproximações da língua deles que se expressão pelas diferentes identidades surdas.

Dentre as percepções analisadas, quando se trata do assunto identidades, Skliar (2013) explica que a identidade original passa a estabelecer uma identidade de subordinação em vista da diversidade cultural. Segundo a análise do autor:

A identidade cultural ou social é o conjunto dessas características pelas quais os grupos se definem como grupos: aquilo que eles são, entretanto é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. (SKILIAR, 2013, P.53).

Enquanto a entrevistada 2 menciona “porém, eu acredito que, a gente, digo ouvinte, sempre quer colocar o surdo dentro de uma caixinha, achando que todo surdo é igual, porém cada surdo carrega uma identidade, uma maneira de ver o mundo, suas experiências e uma maneira de se comunicar”, o autor Skliar (2013) explica que, isso na verdade é considerado estereótipo, ou seja, a noção do surdo está diretamente ligada a construções distorcidas em muitas formas. O autor cita o estereótipo por entender que ele acaba interferindo e impedindo a aceitação surda.

O estereótipo surdo, como explica Skliar (2013), em nenhum momento, acolhe o surdo, pois o imobiliza a uma representação contraditória, uma representação que não conduz a uma política de identidade. Esse mesmo estereótipo faz com que as pessoas tenham pensamentos ou falas de oposição, mesmo que disfarçadamente, e evitam assim a construção da identidade surda, cuja sua representação é o estereótipo de uma estrutura distorcida e inadequada.

As identidades surdas estão presentes. Skliar (2013) afirma ainda que elas não se diluem totalmente nos encontros ou por intermédio das vivências em meios socioculturais ouvintes. Contudo, é importante notar que, as identidades surdas assumem formas multifacetadas em relação aos fragmentos a que estão sujeitas frente à presença ouvintistas que lhes impõe regras e querem ditar a maneira como se comportam, suas regras, sua maneira de se comunicar. Essa afirmação reforça o estereótipo surdo como uma resposta de negação da representatividade da identidade surda ao sujeito surdo. (SKLIAR, 2013, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das respostas obtidas por meio da aplicação do questionário e da entrevista, é possível inferir que, na concepção dos estudantes, a Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília cumpre o que se propõe no seu plano de curso: compreender que a Libras é um produto sociocultural das comunidades surdas e imprescindível ao desenvolvimento e educação destas pessoas, mas com algumas ressalvas.

Os alunos entrevistados apontaram a necessidade de ampliação da carga horária da Disciplina, o que possibilitaria aprendizado mais profundo sobre a matéria e melhor qualificação por parte dos estudantes.

Foi apresentada, inclusive, proposta para se criar duas matérias voltadas para o ensino da Libras. Uma, voltada para o estudo do contexto histórico de surgimento e de desenvolvimento da Libras e de suas bases legais. Outra, dedicada, exclusivamente, ao ensino da Língua, visando formar pedagogos capacitados para lidar com o aluno surdo e sua comunicação.

Como parte a considerar no levantamento dos dados obtidos durante a análise desse trabalho, foi de grande importância observar pelas respostas coletadas tanto nos questionários quanto na entrevista que os alunos apontam sobre o quão prejudicial pode vir a ser o professor sem formação adequada. Esse mesmo profissional sem uma formação direcionada, pode inclusive prejudicar o estudante surdo em seu desenvolvimento.

Para que a comunidade surda brasileira avança na difusão desta cultura, se faz necessário, segundo as respostas coletadas, preparar um profissional capacitado e habilitado para compreender as suas atribuições no sentido de ensino.

Quanto ao fato de a disciplina de libras ser obrigatória nos cursos de licenciatura e saúde, 69.7% dos estudantes consideram importante, pois segundo eles, ela trouxe mais notoriedade às comunidades surdas, e essa obrigatoriedade passou a formar profissionais mais habilitados, e capazes de olhar de forma mais sensível para a pessoa surda.

Os entrevistados também revelaram a necessidade de aprofundamento do estudo da Libras como produto sociocultural das comunidades surdas. Parte dos discentes que responderam ao questionário demonstraram dúvida com relação ao significado da expressão “produto sociocultural das comunidades surdas”, confundido

seu significado com o conceito de “identidades surdas”. Essa ocorrência foi observada tanto nas respostas ao questionário, como na realização das entrevistas.

Quanto às contribuições da disciplina de libras aos pedagogos, destacam-se a inclusão social dos alunos com surdez e a sensibilização do profissional de Pedagogia para que ele saiba lidar com o estudante surdo – para que ele compreenda as necessidades desse aluno surdo, corrobore de maneira positiva para o fortalecimento e desenvolvimento das identidades surdas e fomente o respeito para com a construção dessa identidade.

Havendo formação de base bem solidificada nas universidades, a formação do pedagogo, somada à adequada qualificação profissional, promoverá conscientização, respeito e valorização da língua de sinais.

Foi apontado ainda, durante coleta de dados, que os estudantes consideram que a Libras é de grande importância para o desenvolvimento educacional da pessoa surda, pois elucidam fatos como: a importância da língua como comunicação visual de acesso para a pessoa surda, a Libras como idioma oficial das comunidades surdas e a Libras como instrumento de desenvolvimento identitário da pessoa surda.

Em síntese, a implementação da disciplina Libras e suas conseqüentes contribuições para os pedagogos são de grande valia, principalmente no que tange ao ganho político, educacional e de espaço social para as comunidades surdas. A história dos surdos, a cultura surda, as identidades surdas, todos são beneficiados quando se tem profissionais capacitados no mercado de trabalho, que sejam aptos a compreender a Libras como língua de valor inestimável e de forte valor sociocultural para as comunidades surdas.

Um outro ponto de grande importância para o ouvinte nesse processo de conhecimento é a oportunidade de poder aprender e se comunicar com os surdos como se comunicam entre si, além de ter a chance de unir-se a esse grupo e dar apoio à comunidade surda no processo de reconhecimento.

Por fim, a partir das informações teóricas levantadas e dados coletados entre os estudantes, pode-se afirmar que, na ótica dos entrevistados e dos que responderam ao questionário, a Disciplina de Escolarização de Surdos e Libras cumpre seu papel. Pode-se ainda, reafirmar que são diversas as contribuições da disciplina de libras na formação do pedagogo, principalmente por fomentar a relevância social de luta das comunidades surdas ao longo da história na busca pela aquisição da língua de sinais, assim como a conquista legal desse direito.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Falar sobre perspectivas futuras sempre é algo desafiador para quem está fechando um ciclo de formação, pois planejar a própria carreira profissional não é tarefa tão simples. Contudo, o título de licenciada em Pedagogia me possibilita a atuar em diferentes áreas. Isso já me deixa mais tranquila.

Um profissional formado em Pedagogia pode atuar como professor dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Mas também pode trabalhar com gestão escolar, orientação educacional, Pedagogia Empresarial, Pedagogia Hospitalar, produção de material pedagógico, indústrias de brinquedos e educação especial.

No curto prazo, minha meta profissional é prosseguir com os estudos da Língua Brasileira de Sinais, me tornando cada dia mais hábil na execução dos sinais. A longo prazo, desejo atuar como intérprete, trabalhando em prol da inserção dos surdos nos diferentes espaços acadêmicos e de mercado de trabalho.

Também espero contribuir positivamente para a educação, buscando fazer a diferença, colocando em prática tudo que a Universidade me ensinou. O que eu aprendi ao longo desses quatro anos de curso transformaram minha maneira de enxergar o mundo. Por isso, prossigo com o objetivo de avançar para o novo e para boa construção do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Josiane Junia Facundo de. **Libras na formação de professores: percepções de alunos e da professora**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

Disponível em:

<http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2012/2012_-_ALMEIDA_Josiane_Junia_Facundo.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

ANDRADE, Aline Moreira de; LUCCAS, Mariéli; SPONCHIADO, Denise. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. 2000. Disponível em:

<http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/128_147.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Luiza Maria Borges Oliveira. **Cartilha do Censo 2010 Pessoas com Deficiência**. 2010.

Disponível em:

<<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilhacenso-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. p. 23. Disponível em: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 4 set. 2018

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. p. 28. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>.

Acesso em: 4 set. 2018

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de

Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 2 nov. 2018.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **O Abade de L'Epée no Século XXI**. Publicado em 2012. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>>. Companhia das Letras, 1998.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. **Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais**. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – Curso de Psicologia, Campus Grande Florianópolis, v. 24, n. 4, p.68-77, maio 2004. Psicologia Ciência e Profissão. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5915888>>. Acesso em: 24 set. 2018.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo; FERREIRA, Josimário de Paulo. Educação Escolar de Pessoas com surdez - Atendimento educacional especializado em construção: Atendimento Educacional Especializado Para Pessoas com Surdez. **Inclusão Revista Educação Especial**: Atendimento Educacional Especializado na Educação Inclusiva, Brasília, v. 1, n. 5, p.46-57, jan. 2010. Semestral. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5570-revistainclusao7&Itemid=30192>. Acesso em: 4 out. 2018.

EDUCAÇÃO, Portal. **Oralismo**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/oralismo/26900>>. Acesso em: 21 out. 2018.

EDUCAÇÃO, Conselho Nacional de; EDUCAÇÃO, Ministério da. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**: PARECER CNE/CP Nº: 5/2005. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sérgio. **Reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas**. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/18700/A_pesquisa_aplicada_conceito_e_abordagens_metodol%C3%B3gicas.pdf>. Acesso em: 5 set. 2018

FREITAS, Maria do Socorro Araujo de; SILVA, Jacqueline Silva da. **O ensino na Disciplina de Libras: Contribuições para a formação de professores no curso de pedagogia**. Revista Educação, Cultura e Sociedade, Sinop - Mato Grosso, v. 8, n. 1, p.118-132, jan. 2018. Semestral. Disponível em:

<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/viewFile/3039/2155>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 87 p.

(Estratégias de Ensino II).

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**.

Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, mar./abr.

1995a. Disponível em:

<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Editora Plexus, 2007. 145 p.

LEITE, Maurycéia. **Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: A Pedagogia numa perspectiva bilíngue**. Revista Diálogos: Libras e suas interfaces: Formação de professores, Indaial Cuiabá, v. 4, n. 1, p.1-15, jun. 2016.

Anual. Disponível em:

<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3899/pdf>>.

Acesso em: 17 out. 2018.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: Histórias e Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Afiliada, 1996. 203 p.

QUADROS, R. M. **O tradutor e interprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC / SEEP 2004. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997. 126 p.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes- uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo:1998.

SETUBAL, Joyce Maquezin; FAYAN, Regiane Alves Costa (Org.). **Pessoas com deficiência - Direitos Humanos: Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência**. Campinas: Mobilização Para Autonomia, 2016. 279 p.

SILVA, Lídia Brenda Pinho. **A Disciplina libras na faculdade de educação**. 2017. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. 167 p.

SUZUK, Erika. **Avaliação reconhece excelência da UnB: Dos 60 cursos da Universidade analisados pelo Guia do Estudante, 34 recebem nota máxima. Outros 21 ganham quatro estrelas**. 2015. Disponível em: <<http://www.noticias.unb.br/publicacoes/67-ensino/164-avaliacao-reconheceexcelencia-da-unb>>. Acesso em: 5 set. 2018.

SOUZA, Rejane de Aquino. **A implantação da Libras nas licenciaturas: desmistificando conceitos.** Educação, Artes e Inclusão, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 13, p.1-26, set. 2017. Trimestral. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9245/pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

TEIXEIRA, Luana Gomes. **Escola Bilingue Libras e Português Escrito no DF: Um estudo de caso.** Brasília, 2015. 136f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

APÊNDICES

Entrevista

CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS

1. Você já cursou a Disciplina de Libras?
2. O que mais marcou você durante o aprendizado da matéria?
3. Você considera que a Disciplina de Libras é importante no processo de formação do Pedagogo? Por quê?
4. Você considera a Libras como um produto de grande importância para o desenvolvimento sociocultural das comunidades surdas? Por quê?
5. No seu entendimento, quais são as principais contribuições da Disciplina de Libras para os pedagogos?
6. O Decreto nº 5.626/05, em consonância com a lei 10.435/02, regulamenta a obrigatoriedade da Disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura e de Saúde. Quando você cursou Libras na Faculdade de Educação estudou a respeito dessas leis?
7. Como você avalia a implementação dessas bases legais para as comunidades surdas?
8. Você acredita que a obrigatoriedade da Disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura viabilizou uma aproximação maior da realidade e da visibilidade do aluno surdo para o pedagogo?
9. Você acredita que a Libras, enquanto linguagem, é fundamental para o desenvolvimento educacional da pessoa surda? Justifique.
10. O que você entende por identidades surdas? Explique em poucas palavras.

Questionário

Libras na Formação do Pedagogo

https://docs.google.com/forms/d/1fkP1kz2iiVmw7RcjeJMKsaCgMrlhvj3QbuGRctdOEw/edit

ENVIAR

PERGUNTAS RESPOSTAS 33

Libras na Formação do Pedagogo

Este questionário integra a pesquisa para Conclusão de Trabalho Final de Curso sobre o tema "Contribuições da Disciplina de Libras na formação do Pedagogo". As respostas vão compor a análise da pesquisa orientada pela Prof^a. Dr^a. Catarina de Almeida, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

1. Você já cursou a Disciplina de Libras? *
 Sim
 Não
2. Você sabia que a Disciplina de Libras é obrigatória nos cursos de Licenciatura e saúde? *
 Sim
 Não
3. Com a obrigatoriedade da Disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura, você acredita que é possível formar um pedagogo mais conhecedor de seu papel para com um aluno surdo? *
 Sim
 Não
4. Como você avalia a implementação dessas bases legais para as comunidades surdas? *

Texto de resposta longa
5. Você considera que a Disciplina de Libras é importante no processo de formação do Pedagogo? *
 Sim
 Não

Libras na Formação do Pedagogo

https://docs.google.com/forms/d/1fkP1klz2iiVmw7RcjeJMKsaCgMrlhv3QbuGRctdOEw/edit#responses

Libras na Formação do Pedagogo

PERGUNTAS RESPOSTAS 33

33 respostas

Não está aceitando respostas

Mensagem para os participantes

Este formulário não aceita mais respostas

RESUMO INDIVIDUAL

1. Você já cursou a Disciplina de Libras?

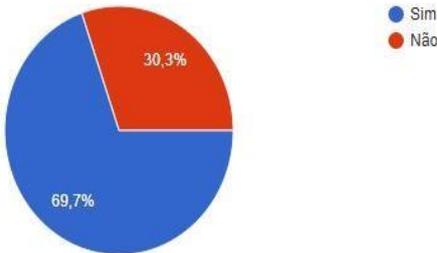
33 respostas



Resposta	Porcentagem
Sim	97%
Não	3%

2. Você sabia que a Disciplina de Libras é obrigatória nos cursos de Licenciatura e saúde?

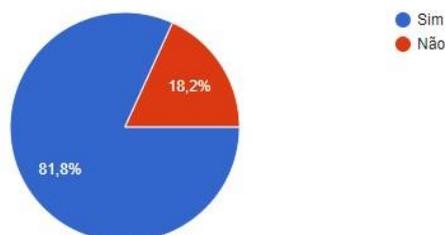
33 respostas



Resposta	Porcentagem
Sim	69,7%
Não	30,3%

3. Com a obrigatoriedade da Disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura, você acredita que é possível formar um pedagogo mais conhecedor de seu papel para com um aluno surdo?

33 respostas



4. Como você avalia a implementação dessas bases legais para as comunidades surdas?

33 respostas

Creio que é um avanço para a comunidade surda, embora 1 semestre não dê capacidade para realmente entendermos o idioma, a libras como disciplina amplia o nosso conhecimento sobre essa luta e de certa forma nos torna profissionais mais sensíveis e aptos para lidarmos com essa realidade, já que conhecemos a história do surdo e praticamos um pouco do básico para nos comunicarmos.

Avalio como positiva

Minha concepção é direcionada para a perspectiva de que a implementação das bases legais é fornecida de modo que a Libras, nessa concepção, se torna um direito garantido para a comunidade, visto que através de políticas públicas voltadas para a garantia desse direito favorece o desenvolvimento integral do aluno surdo.

Necessária e excelente

Avalio como de extrema importância para a comunidade surda, para a sua inserção e inclusão.

Eu não as conheço muito bem. Mas acredito que o processo de implementação ainda está fragilizado e há muito o que se fazer em prol do bem estar das comunidades surdas.

É essencial para que as pessoas tomem conhecimento dos direitos dos surdos e eles tenham esses direitos assegurados.

É um importante passo para aumentar a visibilidade da comunidade surda.

De extrema necessidade e importância

5. Você considera que a Disciplina de Libras é importante no processo de formação do Pedagogo?

33 respostas



6. Você acredita que a Libras é fundamental para o desenvolvimento educacional da pessoa surda? Justifique.

33 respostas

Sim, já que está deve ser a sua primeira língua ela se torna a base por qual passará todo conhecimento do aluno.

Sim, pq é através da língua (Libras) que a pessoa pode se comunicar

Com toda a certeza! Garantir a integração do aluno surdo no ambiente educacional nada mais é que fornecer a ele subsídios para progressão de sua aprendizagem cognitiva e social.

Com certeza

Sim, pois é a linguagem visual que facilita a comunicação dos surdos.

Sim. A inclusão das pessoas é fundamental para que sua cidadania seja garantida. É uma questão humana de respeito ao outro. Todos têm que ter acesso ao conhecimento e os que possuem alguma necessidade específica tem que ser contemplados da mesma forma.

Sim porque é a língua pela qual os surdos terão acesso à educação.

Hj é algo essencial e naturalmente efetivo para os surdos a libras

Sim, assim conseguirão aprender e entender.

Sim, pois a primeira Libras é primeira língua do surdo

7. Para você que já cursou a Disciplina o que entende por identidades surdas? Explique em poucas palavras.

33 respostas

São as diferentes formas e condições da pessoa surda está inserida no mundo.id. Política, de transição...

É qdo umq pessoa surda se identifica, se assumindo como surda

Acredito que seja as múltiplas concepções relativas a surdez.

Não cursei

Entendo como as diferentes identidades que podem existir dentro da comunidade surda, pois existem surdos que são oralizados, uns que escolhem usar aparelho, outros que usam libras o tempo todo, etc.

Não entendo.

Identidades surdas são as diferentes identidades da comunidade surda, por exemplo: surdos filhos de pais surdos, surdos filhos de pais ouvintes, etc

É como os surdos se percebem e são aceitos na sociedade por meio da libras

São vários tipos de surdez

É a pessoa que se identifica com a cultura e as lutas da comunidade surda. Podendo elas serem surdas ou filhos de pais surdos

É a cultura surda momento de contato da se reconhecer no outro

8. Você considera a Libras como um produto de grande importância para o desenvolvimento sócio-cultural das comunidades surdas? Por quê?

33 respostas

Sim, pois é inerente à cultura e identidade dessa comunidade.

Sim, pq eles criam sua própria identidade

Sim. Porque a partir da Libras, o indivíduo passa a se tornar um ser social na perspectiva da linguagem como uso primordial para a socialização. Desse modo, garantir que o indivíduo mantenha condições de integrar-se ao mundo em que vive, garante a ele, o direito de apropriar-se de um objeto cultural, no caso, a linguagem.

Sim, pq é a uma linguagem

Sim, porque a língua dos surdos é o fortalecimento da Libras fortalece a comunidade surda e suas identidades.

Sim. A comunicação é essencial em toda e qualquer comunidade, as pessoas precisam dialogar para que a vida em sociedade funcione.

Sim, porque a Libras é um símbolo muito importante da cultura surda, que faz parte da sua identidade.

Sim.

Sim, porque a maneira de comunicação e sem essa comunicação fica inviável o aprendizado e desenvolvimento da pessoa surda

Sim. Poi é a partir da libras que eles conseguem se comunicar da forma clara

9. Você acredita que a Libras é fundamental para o desenvolvimento educacional da pessoa surda? Justifique.

33 respostas

Sim

Sim, pois o aluno surdo aprende como todos os outros da mesma maneira

Com certeza. Como dito anteriormente, a libras torna-se imprescindível no sentido de garantir a sociabilidade e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

com certeza

Sim, pois o processo de oralização do surdo não facilita sua aprendizagem, já que sua língua é visual, logo, a melhor forma de desenvolvimento é respeitando isso.

Sim. As pessoas precisam ter acesso a linguagem para acessar o conhecimento e assim se desenvolver cognitivamente.

Sim, porque é a língua que as pessoas surdas utilizam para se comunicarem a qual todas as pessoas surdas deveriam ter acesso.

É importante pq é necessário uma língua pra haver troca de conhecimentos.

Sim, pois assim eles podem se comunicar

Sim. Pois é a partir da Libras que comunicação ocorre.

10. O que mais te marcou durante o aprendizado da matéria? Discorra em poucas palavras.

33 respostas

-Aprender uma forma de se comunicar que não utilize a voz
-me comunicar ainda que de forma simples com uma aluna no meu estágio.
- a injustiça que muitas crianças ainda são submetidas, sendo obrigadas a serem oralizadas ainda na infância, tendo ela que se adequar ao nosso meio e não o contrário.

Foi maravilhoso aprender Libras e poder falar com as mãos!

Acredito que seja a garantia de integrar o aluno surdo no ambiente educacional. Por isso, para mim, a libras deveria ser melhor desenvolvida/propagada em escolas públicas e particulares, como forma de garantir o direito a educação para todos!

Não cursei

Ter contato com um professor surdo.

Ter um professor surdo. Pois eu nunca havia tido um contato tão próximo com alguém assim. E isso me sensibilizou bastante.

Ter contato com a Libras me marcou bastante porque é muito interessante como ela se configura.

O prazer em aprender uma nova língua.

O que mais me marcou é que todos podem aprender.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEORIA E
FUNDAMENTOS PLANO DE CURSO**

1 - Identificação: Curso de Pedagogia

Disciplina: **Escolarização de Surdos e LIBRAS**

código: 100749

Carga Horária: 60h

Créditos: 04

2º semestre de 2017

Turmas A, B, C e D

Dia, horário e local das aulas: Segunda-feira: (Turma D) 8h às 11h40min, Quarta-feira: (Turma B) 14h às 17h50min, Quarta-feira: (Turma C) 19h às 22h40min e Sexta-feira: (Turma A) 8:h às 11h40min Profª .Esp. Davi Pereira da Silva Júnior

2. Ementa:

A formação do professor e as especificidades de aprendizagem dos alunos surdos. Filosofias educacionais para estudantes surdos. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): desdobramentos sobre aquisição de linguagem, diferenças culturais, linguísticas e identitárias. Aquisição e desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em LIBRAS, estrutura e contexto. O ensino de português como segunda língua para estudantes surdos.

3. Justificativa:

De acordo com o decreto 5626/05, a disciplina Libras deverá ser ofertada de forma obrigatória nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas, a fim de assegurar que o(a) futuro(a) professor(a) de antemão possa compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes surdos e sua peculiar forma de comunicação. Com o processo de inclusão escolar, os estudantes surdos têm se matriculado nas escolas regulares, mas se deparam com um ambiente acadêmico estruturado para os estudantes ouvintes. A inclusão escolar para pessoas surdas evoca um ambiente linguisticamente adequado, que promova a identidade e a cultura surda. Nesse sentido, a primeira língua a ser ofertada é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), considerando que se desenvolve em uma modalidade visuoespacial. Um dos grandes obstáculos a essa mudança de perspectiva encontra-se na formação de professores, seja inicial ou continuada. Esta disciplina busca discutir a formação do professor articulada às especificidades de aprendizagem dos alunos surdos, aprofundar a compreensão dos modos de aprendizagem destes alunos e promover o conhecimento das habilidades básicas expressivas e receptivas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

4. Objetivos:

Geral:

Compreender que a LIBRAS é um produto sócio cultural das comunidades surdas e imprescindível ao desenvolvimento e educação destas pessoas.

Específicos:

Correlacionar formação de professores(as) e educação de surdos, a fim de problematizar a formação inicial e a continuada.

Identificar as diferentes teorias e modelos de aprendizagem das filosofias educacionais para surdos.

Adquirir habilidades específicas de expressão e recepção em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Reconhecer o processo de aprendizagem de Língua Portuguesa como segunda língua para as pessoas surdas.

5. Conteúdo Programático

Unidade I - Formação de professores(as) e concepções sobre surdez na escola

A formação de professores(as) e educação de alunos surdos
 Atuação do(a) professor(a) na educação de estudantes surdos
 História da educação de alunos surdos
 Filosofias educacionais para estudantes surdos
 A inclusão escolar de estudantes surdos

Unidade II – Aspectos linguísticos na educação de surdos

Aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança surda
 A importância dos pares para o desenvolvimento das identidades surdas
 Comunidades e culturas surdas
 Legislações da área de surdez
 Políticas Educacionais para surdos
 Aspectos pedagógicos da educação bilíngue para surdos: Libras como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua.

Unidade III - A Língua Brasileira de Sinais: estrutura e contexto.

Conhecimentos Básicos da seguinte estrutura gramatical:
 Fonologia em Libras - Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação e Expressões Não Manuais. (Alfabeto Manual)
 Morfologia em Libras: Substantivos, Pronomes, Verbos, Adjetivos, Numerais
 Sintaxe em Libras: Estruturação frasal
 Semântica e Pragmática em Libras

6. Metodologia

Aulas expositivas dialogadas, aulas práticas, exibição de filmes, história de vida, apresentação de pesquisas na área, debates, estudo da gramática da Libras, análise comparativa entre a Libras e a Língua Portuguesa e estudo do vocabulário específico de cada temática.

7- Recursos de Ensino:

Textos selecionados; datashow; TV e vídeo

8- Avaliação:

A avaliação da aprendizagem será realizada dentro das normas estabelecidas pela instituição levando em consideração, além dos critérios definidos, a assiduidade, a participação e a pontualidade nas aulas e na entrega dos trabalhos solicitados. A participação e o desempenho do aluno nas atividades propostas se expressarão nas menções seguintes: SS, MS, MM, MI, SR. Os instrumentos de avaliação serão discutidos e definidos juntamente com a turma.

Sugestões:

- * **Produção e apresentação de seminários temáticos sobre a educação de pessoas surdas; * Apresentação individual e em grupo de atividades práticas em Libras (DIÁLOGOS);**
- ** **Visita de campo: visita em instituição escolar com foco na educação de pessoas surdas.**
- * **Trabalho final: Criação e apresentação de uma atividade de adaptação em Libras de um conto e uma música infantil, que considere as questões culturais e linguísticas.**

Critérios para avaliação: *

Pontualidade na entrega

*Apresentação com clareza e coerência, criatividade, domínio de conteúdo e qualidade dos recursos didáticos.

* Autonomia de pensamento

9 – Bibliografia básica:

FELIPE, Tania. **Libras em Contexto**. Rio de Janeiro: MEC, 2007.

KELMAN, Celeste Azulay & BUZAR, Edeilce A.S. **A (in) visibilidade do aluno surdo em classes inclusivas: discussões e reflexões**. Rio de Janeiro: ESPAÇO, 2012.

LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____ & PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. SÁ, Nídia Limeira. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

STROBEL, Karen. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2008.

9 – Bibliografia complementar:

BUZAR, Edelce A.S. **Fragmentos discursivos sobre aspectos da constituição identitária (bicultural) dos surdos**: um estudo focal. São Luís: UFMA, 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, v.I e II, 2001.

LODI, Ana Claudia Balieiro e LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Uma escola, duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009.

QUADROS, Ronice & KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

_____. & SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**.

Brasília: MEC, 2006.

_____. & PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. THOMAS, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs): **A invenção da surdez**. Santa Cruz do Sul/ RS: EDUNISC, 2004.